

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE SERVIÇO SOCIAL

GIOVANNA MATTOS DE ALMEIDA OLIVEIRA
LÚRIA REZENDE DE OLIVEIRA

PROCESSO DE ENVELHECIMENTO

Trabalho e Qualidade de Vida

JUIZ DE FORA

2019

GIOVANNA MATTOS DE ALMEIDA OLIVEIRA
LÚRIA REZENDE DE OLIVEIRA

PROCESSO DE ENVELHECIMENTO

Trabalho e Qualidade de Vida

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Política de Ação do Serviço Social-DPASS da Faculdade de Serviço Social, como requisito parcial para obtenção de grau de Bacharel em Serviço Social, na Universidade Federal de Juiz de Fora.

Orientador: Prof. Dra. Estela Saléh Cunha

JUIZ DE FORA

2019

GIOVANNA MATTOS DE ALMEIDA OLIVEIRA
LÚRIA REZENDE DE OLIVEIRA

PROCESSO DE ENVELHECIMENTO

Trabalho e Qualidade de Vida

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Política de Ação do Serviço Social-DPASS da Faculdade de Serviço Social, como requisito parcial para obtenção de grau de Bacharel em Serviço Social, na Universidade Federal de Juiz de Fora.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

Banca Examinadora

Prof. Dra. Estela Saléh Cunha
(Orientadora)

Prof. Dra. Carina Berta Moljo
(Examinadora)
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dra. Luciana Gonçalves Pereira de Paula
(Examinadora)
Universidade Federal de Juiz de Fora

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me preparado uma caminhada tão linda, repleta de boas amizades e de uma família maravilhosa.

A caminhada até aqui não foi nada fácil e eu só tenho a agradecer por todos os aprendizados e por todas as trocas. Em tempos “sombrios” as pedras nos caminhos nos fazem lutar todos os dias para o nosso crescimento pessoal e profissional

Agradeço a minha família por todo amparo e pela compreensão nos últimos anos, principalmente nessa reta final. Obrigada mãe, pai, Biju, Biel, Vueva, Lívio e Cidinha por serem a minha base e por me fazerem ser melhor todos os dias, amo muito vocês.

Agradeço, principalmente, a nova integrante da nossa família. Fê você chegou para somar e agregar a vida do Biju e as nossas vidas, se não fosse pelas suas palavras e puxões de orelha, talvez eu não estaria prestes a concretizar um sonho. Muito obrigada por tudo, você e sua família são incríveis.

Gratidão, ao meu melhor amigo e companheiro nessa incrível jornada. João Pedro, você me mostra todos os dias do que sou capaz e da força que tenho para enfrentar todas as adversidades. Te amo.

Não poderia deixar de agradecer a equipe do Polo Interdisciplinar de Ensino, Pesquisa e Extensão sobre o Processo de Envelhecimento por estarem presentes nesses últimos dois anos. As nossas conversas e trocas de carinho ficarão para sempre em minha memória. Fiz amigos que levarei para a vida toda.

À professora Sabrina, por me permitir fazer parte de um projeto de extensão tão lindo, muito obrigada. A saúde mental abriu meus olhos para um caminhar mais leve, cheio de boas risadas e lembranças.

À nossa orientadora Estela, meu muito obrigada. Foram muitos puxões de orelha, mas muitos elogios. O que aprendemos com você, sem sombra de dúvidas, nos preparam para a vida profissional.

Também, não poderia deixar de agradecer a todas as pessoas que participaram ativamente da minha caminhada para a conclusão de um ciclo. Mãe e família, obrigada por tudo.

Para finalizar, obrigada Lúria por caminhar lado a lado comigo e por me distrair em todos os momentos ruins. Você é uma pessoa incrível, é minha amiga-irmã. Está sempre presente no meu dia-a-dia de faculdade, tanto é que nos escolhemos para a conclusão de um trabalho. Obrigada por ser a fortaleza dessa dupla e por me fazer enxergar o quão capazes nós somos. Você é uma das melhores pessoas que eu conheci na vida e te desejo as melhores coisas desse universo, espero que saiba disso. Te amo, amiga.

Giovanna Mattos de Almeida Oliveira

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar gostaria de agradecer minha amada mãe, meu maior modelo de mulher, minha maior incentivadora, que durante toda minha formação acreditou no meu potencial e me levou a também crer que sou capaz. Agradecer também ao meu irmão e cunhada, a amizade de vocês sempre me motivou a ir além.

Gostaria de agradecer ao meu marido, meu melhor amigo, que nunca me deixou desistir dos meus sonhos e foi constante refúgio nos momentos difíceis, sem ele jamais teria chegado tão longe e tão feliz. À minha amada família Noronha, obrigada por sempre se fazerem presentes na minha caminhada, o amor e carinho de você foi e é fundamental.

Aos amigos que fiz durante a graduação, obrigada por todas conversas e trocas de saberes. Às professoras e professores, em especial a minha querida orientadora Estela que tanto nos auxiliou na confecção desse estudo, obrigado por serem fonte de conhecimento e inspiração, em tempos tão difíceis é uma alegria ter podido compartilhar a sala de aula com vocês.

Aos meus amigos do Polo Interdisciplinar de Ensino, Pesquisa e Extensão sobre o Processo de Envelhecimento, obrigada por contribuírem tanto para minha formação, sem vocês talvez hoje esse trabalho nem existiria.

E finalmente a minha companheira de pesquisa: Giovanna, minha amiga-irmã, parceira de todos os momentos, que desde o começo sempre foi minha companheira na faculdade e na vida. Muito obrigado por ter dividido esse trabalho comigo, por ter me dado a oportunidade de estar com você nesse momento tão único das nossas vidas, tenho muito orgulho de como nos dedicamos a esse estudo. Com você toda a ansiedade durante a confecção desse trabalho foi mais leve, tenho certeza que nos complementamos e isso ficou evidente durante nosso processo de pesquisa e escrita, obrigada por tudo!

Lúria Rezende de Oliveira

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso disserta sobre o processo de envelhecimento a partir das perspectivas de trabalho e qualidade de vida. O primeiro capítulo inicia-se com a concepção de trabalho como fundante do ser social e sobre o homem trabalhador que envelhece, abrangendo sua trajetória de vida com o trabalho e com as relações sociais. Encontra-se ainda nesse capítulo, o processo de envelhecimento como uma das refrações da Questão Social, digna de intervenção estatal. Para finalizar, o capítulo dois inicia-se com a metodologia utilizada para a confecção desse trabalho a partir de entrevistas realizadas com os velhos inseridos no “Polo Interdisciplinar de Ensino, Pesquisa e Extensão sobre o Processo de Envelhecimento” que participam do Programa de Extensão “Nucleação do Polo Interdisciplinar de Ensino, Pesquisa e Extensão sobre o Processo de Envelhecimento”, realizado no bairro Dom Bosco, no município de Juiz de Fora, e do Projeto de Extensão “Memória e Qualidade de vida: uma ação interdisciplinar com vistas ao envelhecimento ativo e saudável”, fazendo uma apresentação de cada um dos entrevistados e finalizando com uma análise das entrevistas quanto à satisfação de vida pelo trabalho e sua influência para a qualidade de vida destes.

Palavras-chave: Processo de Envelhecimento; Trabalho; Qualidade de Vida

ABSTRACT

This Course Conclusion Paper discusses the aging process from the perspective of work and quality of life. The first chapter begins with the conception of work as the founder of social being and about the aging working man, encompassing his life trajectory with work and social relations. This chapter also includes the aging process as one of the refractions of the Social Question, worthy of state intervention. Finally, chapter two begins with the methodology used for the preparation of this work from interviews conducted with the elderly inserted in the “Interdisciplinary Center for Teaching, Research and Extension on the Aging Process” who participate in the Extension Program “Nucleation of the Interdisciplinary Center for Teaching, Research and Extension on the Aging Process”, held in the Dom Bosco neighborhood, in the city of Juiz de Fora, and the Extension Project “Memory and Quality of Life: an interdisciplinary action towards active aging. and healthy”, making a presentation of each of the interviewees and ending with an analysis of the interviews regarding the satisfaction of life at work and its influence on their quality of life.

Keywords: Aging Process; Job; Quality of Life

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. TRABALHO COMO CONSTRUÇÃO DO SER SOCIAL.....	16
1.2. O Trabalhador que Envelhece.....	24
2. O PROCESSO DE ENVELHECIMENTO E A QUALIDADE DE VIDA DOS VELHOS.....	33
2.1. Caminhos Metodológicos: encontrando os trabalhadores que envelheceram.....	33
2.2. Os Velhos Trabalhadores.....	35
2.3. A Satisfação de Vida no Trabalho e sua Relação com a Velhice.....	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	58
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	60
ANEXO I.....	62
ANEXO II.....	64
ANEXO III.....	65

INTRODUÇÃO

Segundo o Relatório Mundial de Saúde e Envelhecimento da Organização Mundial de Saúde (OMS), até o ano de 2050 o número de idosos no mundo duplicará, sendo que no Brasil o número será três vezes maior, alcançando 30% da população brasileira, constituindo assim um país envelhecido¹. Essa nova realidade implica tanto a abrangência de formulação de políticas públicas para a velhice, como a necessidade de percepção, por parte do Estado, que o processo de envelhecimento se inicia ao nascer e por isso, os sujeitos devem ser alvos de políticas sociais, por toda a trajetória de vida, para que quando envelheçam, tenham uma boa qualidade de vida.

O processo de envelhecimento, mais que um fator biológico, é um aspecto social que permeia e está permeado pelas relações sociais. No seio da sociabilidade capitalista, onde o trabalho é parte da construção do ser social e da manutenção da reprodução das relações sociais, envelhecer muitas vezes é sinal de perda de valor e de espaço na sociedade, o que nos faz refletir sobre como se dá esse processo para o homem trabalhador que envelhece. Assim, compreender o papel do trabalho no processo de envelhecimento é também compreender a trajetória de vida dos seres sociais na sociedade capitalista, e com as previsões da OMS para um mundo cada vez mais envelhecido, é de suma importância o estudo sobre como a heterogeneidade do processo de envelhecimento, marcada pelas relações de trabalho e pelo Trabalho, influencia a qualidade de vida dos velhos.

A inquietação em observar o envelhecimento de cada indivíduo no conjunto das relações sociais torna necessário o estudo profundo de como a velhice, apesar de ser própria da evolução humana, é vivenciada por velhos de diferentes classes sociais.

Segundo dados recentes do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)², a população acima de 60 anos deverá dobrar até o ano de 2042, chegando a ser 24,5% da população brasileira. Os dados demográficos informados, apontam para uma nova realidade na configuração da população brasileira, que requisita assim maior aprofundamento nas discussões sobre o processo de envelhecimento e sua

¹ Segundo a Organização Mundial de Saúde um país envelhecido é aquele que ultrapassa 8% de sua população de velhos.

² Dados referentes a levantamento publicado pelo instituto em 25/07/2018.

heterogeneidade. Sendo as mudanças rápidas e heterogêneas da razão demográfica do país e do mundo uma das motivações para este processo investigativo.

A carência de estudos na área geracional e de como o Serviço Social lida com a velhice em suas inúmeras formas de existir no cotidiano do trabalho, e a vivência como bolsistas do Projeto “Memória e Qualidade de Vida”, no Programa de Extensão “Polo Interdisciplinar de Ensino, Pesquisa e Extensão sobre o processo de envelhecimento”, da Faculdade de Serviço Social da UFJF, também motivou o estudo e investigação do tema, tendo como parâmetro o entendimento de como o envelhecimento é vivenciado pelas e nas diversas classes sociais.

A Organização Mundial da Saúde publicou em 2015 o *Relatório Mundial sobre Envelhecimento e Saúde*, que entre recomendações sobre mudanças em políticas públicas voltadas para os velhos e melhorias em acesso a serviços básicos traz desmistificações de estereótipos do que é ser velho na sociedade ocidental, identificando fatores sociais na trajetória de vida dos velhos que implicariam diretamente no bem estar na velhice:

a perda das habilidades comumente associada ao envelhecimento na verdade está apenas vagamente relacionada com a idade cronológica das pessoas. Não existe idoso “típico”. A diversidade das capacidades e necessidade de saúde dos adultos maiores não é aleatória, e sim advinda de eventos que ocorrem ao longo de todo o curso da vida e frequentemente são modificáveis, ressaltando a importância do enfoque de ciclo de vida para se entender o processo de envelhecimento (CHAN, 2015, p. 4).

Apesar de ser um pequeno avanço nas discussões sobre o envelhecimento, o relatório traz outros estereótipos que fortalecem a velhice como sendo responsabilidade do sujeito, colocando a cargo do velho seu nível de qualidade de vida³. Ao embasar o estudo sobre o envelhecimento no “curso da vida” e “ciclo da vida”⁴, a OMS tende a subtrair a importância da história por dentro da trajetória de vida

³ Aqui “qualidade de vida” tem a conotação dada pela OMS (1995), “a percepção do indivíduo de sua inserção na vida no contexto da cultura e sistemas de valores nos quais ele vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações”.

⁴ Em Neri (2001), ciclo de vida refere-se as histórias de vida dos sujeitos e as experiências de desenvolvimento entre as gerações. Já curso de vida é entendido como “o desenvolvimento do ponto de vista das inter-relações do desenvolvimento individual, familiar e societal ao longo do tempo” (NERI, 2001, p. 15) No entanto, Teixeira (2008) observa que a Organização Mundial de Saúde ao utilizar a ideia de curso da vida e ciclo da vida subtrai a importância da história por dentro das trajetórias de vida dos velhos.

dos velhos, pois, segundo Teixeira (2008), não são eventos isolados que determinam o nível de qualidade de vida que um sujeito terá, e sim sua trajetória enquanto sujeito social inserido na divisão sócio técnica do trabalho e nas relações sociais.

Segundo as teorias de curso de vida e de estratificação etária, as pessoas não avançam isoladas em suas trajetórias de desenvolvimento; elas compartilham experiências socioculturais em seus semelhantes. Uma *coorte* consiste num conjunto de pessoas nascidas na mesma época, que entram e saem juntas de seus sistemas ou instituições – como, por exemplo, a escola e o trabalho –, que tendem a experienciar os mesmos eventos históricos, nas mesmas épocas de suas vidas. Assim, os efeitos de tais vivências se fazem sentir sobre a trajetória de todo aquele grupo etário (NERI, 2001, p.18).

Entende-se que, a partir das questões culturais inerentes à vida social, o processo de envelhecimento está diretamente ligado a trajetória de vida no trabalho percorrida por cada sujeito, e como este foi afetado durante toda a vida pelas expressões da Questão Social. A responsabilização do sujeito quanto sua qualidade de vida na velhice mostra uma “culpabilização” do sujeito social, ignorando o conjunto das relações sociais nas quais esses sujeitos estão inseridos e a forma como o trabalho contribuiu para como o processo de envelhecimento se sucedeu.

Assim, identifica-se na realidade social o conceito de velhice que resulta de manifestações de questões políticas, econômicas e culturais, e/ou das refrações da Questão Social e do trabalho, fundamento do ser social. A partir das considerações feitas por Teixeira (2007), constata-se que o envelhecimento populacional é uma expressão da Questão Social vinculado a depreciação da classe trabalhadora, pois ao ficar velho se perde a capacidade de produção de riquezas para o capital

[...] não é para todas as classes que o envelhecimento promove efeitos imediatos de isolamento⁵, exclusão das relações sociais, do espaço público, do mundo produtivo, político, artístico, dentre outras expressões fenomênicas dos processos produtores de desigualdades sociais (TEIXEIRA, 2007, p. 02).

⁵ Entende-se que todas as classes sociais sofrem com o processo de envelhecimento e que o efeito imediato de isolamento ao qual a autora se refere é sentido em maior grau por uma determinada classe social – classe trabalhadora –, porém todos os indivíduos estão sujeitos ao isolamento do mundo produtivo e exclusão das relações sociais.

Para lidar com a presença da luta dos trabalhadores que requisitam respostas às expressões da Questão Social, o Estado passa a formular e gerir políticas sociais atendendo tanto os interesses da classe dominante e do capitalismo, quanto da classe trabalhadora. O Serviço Social, como uma categoria profissional inserida na divisão sócio técnica do trabalho, se instaura para atender as manifestações da Questão Social sucedida da existência da contradição entre Capital e Trabalho e pela necessidade do Estado de um profissional capacitado para atuar como instrumento das políticas sociais, ao formulá-las e geri-las de modo que atendesse as demandas de ambas classes.

Portanto,

[...] é principalmente, em função de certas categorias de população que as políticas sociais são apresentadas: os grupos-alvo, classificados ora por idade (crianças, jovens, velhos), ora por critérios de normalidade/anormalidade (doentes, excepcionais, inválidos, psicóticos, mães solteiras, desadaptados sociais, delinquentes e etc.). Esse tipo de classificação das populações-alvo das políticas sociais, ao mesmo tempo em que as divide, fragmenta, tem por objetivo controlá-las e realizar uma etiquetagem que as isola e as caracteriza como tal (FALEIROS, 1991, p.57).

Sendo assim, o entendimento que a vivência da velhice depende da trajetória de vida do velho e seu lugar na reprodução das relações sociais, faz com que esse estudo seja de grande importância para o trabalho da assistente social, enquanto profissional que lida diretamente com as expressões da questão social. A falta de produções na área dificulta um olhar crítico e técnico para essa fase da vida que grande parte da população vai alcançar um dia. Salienta-se que, há uma tendência da sociabilidade capitalista de considerar que os problemas sociais são problemas individuais, incluindo a velhice ao desconsiderar todos os aspectos sociais, políticos e econômicos que a cercam.

Assim, debater sobre os impactos causados pelas refrações da Questão Social na vida cotidiana dos velhos, é de extrema importância para compreender a consolidação das políticas públicas destinadas a essa etapa da vida e a atuação dos profissionais de Serviço Social frente às demandas impostas pelo Estado e pelo capital.

Segundo Iamamoto (1997, p.14)

Os assistentes sociais trabalham com a questão social nas suas mais variadas expressões quotidianas, tais como os indivíduos as experimentam no trabalho, na família, na área habitacional, na saúde, na assistência social pública, etc. Questão social que sendo desigualdade é também rebeldia, por envolver sujeitos que vivenciam as desigualdades e a ela resistem, se opõem. É nesta tensão entre produção da desigualdade e produção da rebeldia e da resistência, que trabalham os assistentes sociais, situados nesse terreno movido por interesses sociais distintos, aos quais não é possível abstrair ou deles fugir porque tecem a vida em sociedade. [...] ... a questão social, cujas múltiplas expressões são o objeto do trabalho cotidiano do assistente social.

Dessa forma, é imperativo o estudo sobre o processo de envelhecimento, a partir da compreensão de que esse processo está diretamente ligado com o trabalho exercido por cada sujeito, as relações que esses sujeitos estabelecem e o lugar que esses trabalhadores ocupam na sociedade, sendo este determinante para o seu envelhecimento. Não obstante, é necessário o entendimento que o estudo sobre a velhice deve ocorrer em toda a trajetória da vida, já que o processo de envelhecimento se inicia ao nascer, perpassando todas as fases de construção do ser social na sociedade capitalista.

O Trabalho de Conclusão de Curso que aqui apresentamos está dividido em dois capítulos que são fundamentais para explicar o objetivo da pesquisa que é identificar a heterogeneidade do processo de envelhecimento a partir das trajetórias de vida dos homens e mulheres velhos, inseridos nas atividades desenvolvidas no Programa de Extensão “Polo Interdisciplinar de Ensino, Pesquisa e Extensão sobre o Processo de Envelhecimento”, da Universidade Federal de Juiz de Fora/ Faculdade de Serviço Social, e as influências dessas sobre a qualidade de vida na velhice, de modo que proporcione a produção de conhecimentos teóricos acerca dessa realidade para o Serviço Social.

O primeiro capítulo tem o objetivo de compreender o contexto sócio histórico contemporâneo acerca do trabalho e do desenvolvimento do ser social a partir do debate acerca do homem trabalhador que envelheceu, considerando esse processo como uma das refrações da Questão Social que exige do Estado uma resposta para as suas demandas. Assim, é inserido na Constituição Federal de 1988 a promulgação de políticas públicas destinadas aos velhos.

Para finalizar, o segundo capítulo realiza uma análise sobre as entrevistas com os idosos do projeto de extensão “Memória e Qualidade de Vida: uma ação interdisciplinar com vistas ao envelhecimento ativo e saudável” e do “Nucleação do Polo Interdisciplinar de Ensino, Pesquisa e Extensão sobre o Processo de Envelhecimento” a partir da realidade social desses sujeitos, buscando compreender a trajetória de vida destes com o trabalho e como isso influencia e determina a sua qualidade de vida, de forma que possamos compreender a satisfação de vida pelo trabalho e no trabalho de cada um desses velhos.

1. TRABALHO COMO CONSTRUÇÃO DO SER SOCIAL

Considerando o trabalho como categoria fundante do ser social, identifica-se a necessidade de dissertar sobre o processo de construção do ser social, de sua diferenciação com o animal e de como o processo de trabalho influencia o homem na produção e reprodução das relações sociais. Portanto, o processo de construção do ser social fundamenta-se nas categorias ontológico-sociais de diferenciação do homem ao animal, pois o homem é um “ser consciente, universal e livre” (BARROCO, 2008, p. 21) capaz de produzir respostas conscientes e racionais.

Decerto, o animal também produz. Constrói para si um ninho, habitações, como as abelhas, os castores, formigas etc. Contudo, produz o que necessita imediatamente para si ou para a sua cria; produz unilateralmente, enquanto que o homem produz universalmente; produz apenas sob a dominação da necessidade física imediata e só produz verdadeiramente na liberdade mesma; produz-se apenas a si próprio, enquanto o homem reproduz a Natureza toda; o seu produto pertence imediatamente ao seu corpo físico, enquanto o homem enfrenta livremente o seu produto. O animal dá forma apenas segundo a medida e a necessidade da espécie a que pertence, enquanto que o homem sabe produzir segundo a medida de cada espécie e sabe aplicar em toda parte a medida inerente ao objeto; por isso, o homem dá forma também segundo as leis da beleza (MARX, 1993, p.165).

Desse modo, entende-se o trabalho como uma condição básica e fundamental para a vida humana, e para a reprodução e estruturação das relações sociais na sociedade, através da mediação e transformação que o homem exerce na natureza por meio dele. Segundo Lukács (1979), o trabalho define a relação entre o homem e o homem, sendo essencial na formação da capacidade teleológica do ser social e na determinação das formas de sociabilidade entre os homens. Assim, a sociabilidade, como constitutiva da gênese do ser social, é “um traço essencial do indivíduo inteiro e penetra em todas as formas de sua atividade vital” (MARKUS, 1974, p.30).

O trabalho materializa a face humana simbolizadora, criando e recriando significados e sentidos por meio de produções materiais e, particularmente, pela maneira como se dão as trocas e intercâmbios dessa produção e força de trabalho, seja dentro do próprio grupo ou entre grupos sociais (FONSECA, 2015, p. 10).

Ainda de acordo com Lukács (1979), o ser social se desenvolve sobre a base do ser orgânico e inorgânico, sendo o homem um ser da práxis⁶, pois além da interação com o trabalho há também o exercício de outras objetivações do ser social que possibilitam a sociabilidade humana

[...] as formas de objetividade do ser social se desenvolvem, à medida que surge e se explicita a práxis social, a partir do ser natural, tornando-se com o tempo cada vez mais claramente sociais. Esse desenvolvimento é um processo dialético, que começa como pôr teleológico do trabalho. Esse processo implica a transformação desse ser em si num ser para si, ou seja, o homem tem que superar as suas formas e seus conteúdos meramente naturais em formas e conteúdos sociais mais específicos (CATETE; SAKATAUSKAS; SANTOS, 2015, p.4).

Como “protoforma da práxis”⁷ (ANTUNES, 1999, p.137), o trabalho exerce dois movimentos: a capacidade teleológica do homem de buscar uma finalidade tendo as condições subjetivas de se orientar, através dos conhecimentos concretos de determinados meios para a realização contínua de suas necessidades, gerando a consciência do ser social; e a criação de uma nova realidade objetiva a partir do produto do trabalho “resultante do acúmulo de conhecimento e da prática social dos homens” (BARROCO, 2008, p. 24).

Pressupomos que o trabalho numa forma em que pertence exclusivamente ao homem. Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão e a abelha envergonha mais de um arquiteto humano com a construção dos favos de suas colmeias. Mas o que distingue, de antemão, o pior arquiteto da melhor abelha é que ele construiu o favo em sua cabeça, antes de construí-lo em cera. No fim do processo de trabalho obtém-se um resultado que já no início deste existiu na imaginação do trabalhador, e, portanto idealmente (MARX, 1980, p.202).

Todo trabalho se orienta por uma atividade fim, por um objeto e por meios de trabalho, sendo esse processo uma característica específica do homem.

O processo de trabalho, como expusemos em seus momentos simples e abstratos, é atividade orientada a um fim – a produção de valores de uso – apropriação do elemento natural para a satisfação de necessidades humanas, condição universal do metabolismo entre homem e natureza, perpetua

⁶ A práxis social é uma categoria do ser social de transformação da realidade e das estruturas sociais numa determinada sociedade a partir do objetivo de convencer as pessoas a realizar atos teleológicos.

⁷ Segundo o autor, a “protoforma da práxis” se torna uma relação social estabelecida pelo trabalho desenvolvido pelo ser social.

condição natural da vida humana e, por conseguinte, independente de qualquer forma particular dessa vida, ou melhor, comum a todas as suas formas sociais (MARX, K. 2013, p. 261).

Em Antunes (1999) há uma conexão entre teleologia e causalidade. A causalidade é compreendida através de suas próprias bases e de uma materialidade fundante, que estabelece uma relação de reciprocidade e interação com a teleologia.

Essa relação de reciprocidade entre teleologia e causalidade tem sua essência dada pela realização material de uma idealidade posta: um fim previamente ideado transforma a realidade material, introduzindo-lhe algo qualitativa e radicalmente novo em relação à natureza. Ela se torna uma atividade que se põe. 'Natureza e trabalho, meios e fins, então, produzem algo que é em si mesmo homogêneo: o processo laborativo e, ao fim, o produto do trabalho'. Naturalmente a busca de uma finalidade, de uma posição teleológica, é resultado de uma necessidade humana e social [...] (ANTUNES, 1999, p. 137-138).

Conforme já salientamos, o trabalho como fundante do ser social se impõe como a primeira forma de posição teleológica e o que dá sentido à vida do homem,

O trabalho tem, portanto, quer em sua gênese, quer em seu desenvolvimento, em seu ir-sendo e em seu vir-a-ser, uma intenção ontologicamente voltada para o processo de humanização do homem em seu sentido amplo. O aparecimento de formas mais complexificadas da vida humana, as posições teleológicas secundárias, que se constituem como momento de interação entre seres sociais, de que são exemplos a práxis política, a religião, a ética, a filosofia, a arte etc., que são dotadas de maior autonomia em relação às posições teleológicas primárias, encontra o seu fundamento ontológico-genético a partir da esfera do trabalho (ANTUNES, 1999, p. 142).

Assim, há, então, a “gênese ontológica da liberdade” como alternativa do processo de trabalho que afirma que são as necessidades sociais que impõe a transformação dos objetos naturais, ou seja, “o trabalho é, portanto, o elemento mediador introduzido entre a esfera da necessidade e a da realização desta [...]. Isso se dá porque o fundamento das posições teleológicas intersubjetivas tem como finalidade a ação entre seres sociais” (ANTUNES, 1999, p.139).

Portanto,

A segunda forma de posição teleológica⁸, a da esfera interativa, visa atuar teleologicamente sobre outros seres sociais, [...]. Nessas formas da práxis social, a posição teleológica não é mais dada pela relação direta com a natureza, mas atua e interage junto com outros seres sociais, visando a realização de determinadas posições teleológicas (ANTUNES, 1999, p. 139).

A partir da ampliação das relações sociais e das capacidades humanas, o ser social adquire uma consciência de si mesmo e se reconhece enquanto sujeito histórico de transformação. Contudo, esse sujeito está inserido em uma sociedade fundada pela divisão social do trabalho, pela apropriação da propriedade privada, pela divisão de classes e pela produção e exploração das forças de trabalho do homem. Ou seja, a consciência do homem sobre si e sua capacidade histórica de construção e reconstrução das relações sociais que fundamentam a sociedade e a si próprio vão se perdendo, em um processo denominado por Marx de “alienação”. É nessa perspectiva que o homem trabalhador, na sociabilidade capitalista, não se reconhece naquilo que produz e é coisificado pelo modo de produção à medida que é superexplorado.

Compreendida dessa forma, enquanto expressão subjetiva da exploração concreta e forma peculiar de apreensão da realidade em sociedades estruturadas a partir da divisão social do trabalho e da propriedade privada, a alienação, nos termos apresentados por Marx em 1844, apresenta-se como a expressão de um fenômeno geral que – surgindo a partir do nascimento da propriedade privada e da divisão social do trabalho, quando o trabalho se converte em meio de exploração e o seu produto em objeto alheio - se objetiva através do não reconhecimento dos homens em suas ações, de um estranhamento do indivíduo, em face de si mesmo e dos outros homens, e de outras manifestações indicativas da não apropriação – por parte dos indivíduos – de sua condição de sujeitos da práxis (BARROCO, 2008, p. 38).

Assim, os meios de produção estabelecem a existência da relação entre o sujeito – homem – e o objeto – a natureza – que a partir de instrumentos auxiliares transforma a matéria-prima com o trabalho, gerando valor de uso. Portanto, o capital se reveste no processo de trabalho transversalmente pela condição objetiva,

⁸ A primeira forma de posição teleológica está relacionada ao pensar na finalidade e nos meios de reproduzi-lá.

composta pelos meios de produção citados acima, e pela condição subjetiva, que é a capacidade do homem de exercer a força de trabalho⁹.

O modo de produção capitalista¹⁰, além de desenvolver o ser social, o aliena, coisificando e fetichizando as relações sociais¹¹. Nesse modelo de produção, o trabalhador sofre alienação e dominação de tudo aquilo que produz, não se reconhecendo em seu trabalho e empobrecendo à medida que o capital enriquece com a superexploração da força de trabalho.

O objeto produzido pelo trabalho, o seu produto, opõe-se a ele como um ser estranho, como um poder independente do produtor [...]. Quanto maior é sua atividade, mais ele fica diminuído. A alienação do operário no seu produto significa não só que o trabalho se transforma em objeto, assume uma existência externa, mas existe independentemente dele, fora dele, e a ele estranho, e se torna um poder autônomo em oposição a ele: que a vida que deu a esse volta-se contra ele como uma força hostil e antagonica (MARX, 1993, p. 596).

Ou seja, a alienação dos sujeitos, ocorre em relação ao produto de seu trabalho e ao processo de trabalho como um todo, pois os meios de produção não lhe pertencem e o homem não se apropria da totalidade do processo no desenvolvimento de suas capacidades. Em uma sociedade alienada, Marx (1993) aponta a existência de uma contradição marcada pelo trabalho: “a produção da riqueza e da miséria” (BARROCO, 2008, p. 37).

Essa dicotomia entre a produção de riquezas e a miséria gerada pelo modelo capitalista marca a gênese da Questão Social que é inerente ao processo de acumulação, e se dá na exploração do trabalho e da classe proletária, que produz riqueza para a classe burguesa detentora dos meios de produção ao passo que sente

⁹ Por força de trabalho ou capacidade de trabalho entendemos o conjunto das capacidades físicas e mentais que existem na corporeidade [*Leiblichkeit*], na personalidade viva de um homem e que ele põe em movimento sempre que produz valores de uso de qualquer tipo (MARX, 2013, p. 242).

¹⁰ “Modo de produção diz respeito às forças produtivas e às relações de produção. As primeiras são: 1) os meios de trabalho: instrumentos ferramentas, instalações etc., assim como a terra; 2) os objetos de trabalho: as matérias que o homem utiliza para trabalhar (matérias brutas ou já modificadas pela ação do trabalho); 3) a força de trabalho: a energia humana empregada no processo de trabalho (com o uso dos meios de trabalho) a fim de transformar os objetos de trabalho em objetos úteis em termos do atendimento de necessidades. As relações de produção são relações técnicas (especialização do trabalho, tecnologia etc.), sendo subordinadas às relações sociais de produção, determinadas pelo regime de propriedade dos meios de produção fundamentais” (NETTO & BRAZ, 2006, p.58-59).

¹¹ No modo de produção capitalista, as relações sociais se tornam mercadorias no seio da exploração das classes sociais.

os efeitos produzidos pelo sistema societário vigente no seio da reprodução das relações sociais. Em Marx (1998), as classes sociais são grupos sociais definidos por uma dimensão econômica, pela divisão social do trabalho no modo de produção e pela contradição existente na relação entre capital e trabalho marcada pela alienação e pela exploração, podendo ser ligada a compreensão de consciência de classe e às lutas de classe. Dessa forma, as classes – burguesia e proletariado - são definidas pelo lugar que os sujeitos ocupam no processo de produção de riqueza a partir de três aspectos, a saber: tipo de propriedade, relações de produção e as formas de enfrentamento dos sujeitos.

Por burguesia compreende-se a classe dos capitalistas modernos, proprietários dos meios de produção social, que empregam o trabalho assalariado. Por proletários compreende-se a classe dos trabalhadores assalariados modernos que, privados de meios de produção próprios, se veem obrigados a vender sua força de trabalho para poder existir (MARX & ENGELS, 1998, p.4).

Assim, para compreender o espaço dos sujeitos na transformação social da realidade deve-se levar em conta o caráter central do modo de produção capitalista – exploração de uma classe por outra – e suas determinações existentes. Portanto, o proletariado, por ser o produtor da riqueza e por tê-la expropriada pelo sistema capitalista, “tem a missão histórica de transformar a ordem social capitalista, a ordem que o oprime e o explora” (MONTAÑO e DURIGUETTO, 2011, p. 128), a partir da transformação da ordem burguesa. Como meios de substituir a classe proletária como um todo na consolidação da transformação da ordem, a classe trabalhadora¹² se torna o sujeito de transformação por sua particularidade revolucionária.

Ademais, de acordo com a tradição marxista, uma das formas de concretizar a transformação da ordem social através da superação do modo de produção capitalista e da dominância da classe burguesa é pelo alcance da emancipação humana. A emancipação política remete aos direitos sociais e políticos que garantem a liberdade e a igualdade no interior da ordem social capitalista. Já a emancipação humana,

¹² “A classe trabalhadora, hoje, também incorpora o proletariado rural, que vende a sua força de trabalho para o capital, de que são exemplos os assalariados das regiões agroindustriais, e incorpora também o proletariado precarizado, o proletariado moderno e fabril e de serviços, *part-time*, que se caracteriza pelo vínculo de trabalho temporário, pelo trabalho precarizado, em expansão na totalidade do mundo produtivo. Inclui, ainda, em nosso entendimento, a totalidade dos trabalhadores desempregados” (ALVES, G; ANTUNES, R. 2004, p. 342).

corresponde a superação da ordem burguesa e de todas as formas de desigualdades e dominações existentes. Segundo Marx (1998), a emancipação política é limitada em relação a emancipação humana, mas ao mesmo tempo pode contribuir para a efetivação das transformações necessárias a essa emancipação através do Estado burguês.

Todas as lutas contra as formas de desigualdade, de opressão, de exclusão, tornam-se, assim, importantes e fundamentais para a conquista da emancipação política, mas elas não garantem a emancipação humana. Para esta última, essas lutas (necessárias e fundamentais) devem confluir num processo que supere a divisão social em classes e a separação do produtor dos meios para produzir, ou seja, a eliminação da exploração, e com ela da ordem social burguesa (MONTAÑO & DURIGUETTO, 2011, p.132).

Esse processo requer o desenvolvimento da consciência de classe. Portanto, para pensar a consciência de classe, deve-se levar em conta que ela é indissociável do trabalho, da vida cotidiana e da consciência do ser social, pois ela é determinada e transformada pela realidade social. Desenvolve-se, assim, a consciência individual e imediata a partir da representação subjetiva e objetiva da realidade e da percepção que os sujeitos adquirem. Aqui, a consciência pode ser expressa como alienação, tendo como aspectos de avaliação a relação do trabalhador com o produto e com o ato da produção de mercadorias dentro do processo de trabalho e, principalmente, a relação do trabalhador com a compreensão do ser social, de si próprio, da relação que tem com a natureza e da realidade social.

Para superar essa consciência alienada, é necessário que os sujeitos obtenham a consciência em si, a partir da identificação das demandas entre os próprios grupos, de modo que possam se organizar e reivindicar seus interesses, ou seja, os sujeitos adquirem a consciência reivindicatória na luta por melhores condições de venda da força de trabalho. Para Marx (1998), a definição de “classe em si” consagrada pelo papel que os sujeitos possuem no processo produtivo é caracterizado apenas como uma unidade de classe, já a “classe para si”¹³ é aquela que possui consciência dos seus próprios interesses e dos interesses das outras

¹³ “A ‘classe em si’ é constituída pela população cuja condição social corresponde com determinado lugar e papel no processo produtivo, e que, independentemente de sua consciência e/ou organização para a luta na defesa de seus interesses, caracterize uma unidade de interesse comuns em oposição aos de outras”. Por “classe para si” os autores a caracterizam como portadora de consciência dos seus interesses ao se organizarem para lutar a favor destes (DURIGUETTO & MONTAÑO, 2011, p. 97).

classes configuradas na sociedade, organizando-se para a luta de classes. Ou seja, as condições sociais e econômicas dos sujeitos permitem torná-los uma “classe em si” e a organização dos sujeitos na reivindicação de seus interesses torna-os “classe para si”.

Logo, o reconhecimento de um conjunto de novos problemas vinculados às modernas condições de trabalho deve-se à constituição da classe operária enquanto classe em si e, principalmente, como classe para si, com seu ingresso no cenário político da sociedade, com demandas e reivindicações imediatas, mas com a possibilidade tendencial de ruptura à ordem burguesa (TEIXEIRA, 2008, p. 53).

Com a transição de “classe em si” para “classe para si”, a partir da organização da classe operária em um movimento e com a análise da dinâmica social, identifica-se várias questões, ou melhor dizendo, manifestações da Questão Social¹⁴ que se apresentam como formas de “exclusão” e de desigualdades fundadas na questão central que é a contradição entre capital e trabalho e em suas manifestações. A Questão Social é inerente ao modo de produção capitalista e ao trabalho livre, que ao explorar e oprimir o trabalhador em sua trajetória de vida produz e reproduz miséria, pobreza e alienação.

Esse sistema produtor de mercadorias instaura uma relação desumanizada, coisificada, que reduz a força de trabalho à coisa, a “condição material de produção” submetida ao imperativo da produção de riqueza para fins de valorização do capital, engendrando não apenas desvalorizações das qualidades e necessidades humanas, mas também uma sociabilidade que gera pobreza, populações excedentes e os “inúteis” para o capital, pela falta de valor de uso, de rentabilidade, principalmente, quando a força de trabalho está desgastada e envelhecida. (TEIXEIRA, 2008, p. 57).

¹⁴ Assim, a questão social diz respeito ao conjunto das expressões das desigualdades sociais, engendradas pelas sociedades de classes, pela divisão do trabalho, propriedade privada. Fenômeno esse plenamente dado, inclusive a conhecer, na sociedade capitalista, que se “manifesta em disparidades econômicas, políticas e culturais das classes sociais” (IANNI, 1992, p. 87 apud TEIXEIRA, 2008, p. 47). Para sinalizar melhor, segundo Iamamoto (1999, p. 27) a questão social é definida como o “conjunto de expressões das desigualdades da sociedade capitalista madura, que tem uma raiz comum: a produção social é cada vez mais coletiva, o trabalho torna-se mais amplamente social, enquanto a apropriação dos seus frutos se mantém privada, monopolizada por uma parte da sociedade”.

É nesse contexto de opressão da classe proletária que o trabalhador envelhece - atingindo a velhice -, e assim inicia seu processo de perda de valor para o capital. Para o modo de acumulação capitalista a força de trabalho da classe operária é o que a faz rentável como instrumento para produção para a classe burguesa, e ao envelhecer não só se perde valor para o capital, mas também espaço de reprodução nas relações sociais.

A superexploração do trabalho, com a combinação de formas de mais-valia absoluta e relativa, com as discrepâncias entre os rendimentos do trabalho e do capital, aliada à debilidade estrutural organizativa dos trabalhadores, tem implicações na problemática do envelhecimento do trabalhador, porque este é obrigado a um dispêndio de força superior ao que deveria empregar normalmente, provocando, assim, seu esgotamento prematuro, acelerado com a intensificação do trabalho e com sua remuneração abaixo de seu valor, ou não compatível com os rendimentos de produtividade, que promovem seu empobrecimento (relativo ou absoluto) e o deixam na total dependência dos recursos da família e da sociedade (TEIXEIRA, 2008, p.134).

Assim, o trabalhador que envelhece enfrenta, além de seu processo de envelhecimento biológico, um processo de perda de valoração pelo capital, e cada classe social sentirá de forma distinta essa expressão da Questão Social. E é sobre esse processo, marcado pelas desigualdades de classe, gênero, etnia, lugar no território, entre outros, que discutiremos a seguir.

1.2. O Trabalhador que Envelhece

Para cada ser social, além do estudo de fatores biológicos, haverá de ser estudado o processo de produção e reprodução social dentro do campo do trabalho e o entendimento de que as expressões da Questão Social irão influenciar de forma direta em como a velhice será vivenciada por cada classe social. A falácia de que um envelhecimento saudável e feliz depende unicamente do sujeito, impondo fórmulas únicas de como se alimentar, se exercitar e se relacionar na sociedade para assim viver mais e melhor, impõe que é unicamente do sujeito a responsabilidade sobre seu processo de envelhecimento, não considerando os desdobramentos das expressões da Questão Social na vida de cada ser social e em como o trabalho é peça central no modo de acumulação capitalista e protagonista da trajetória de cada sujeito.

Essa responsabilização do sujeito para com o seu processo de envelhecimento retira do Estado seu papel de responsável pela mediação das refrações da Questão Social, dando abertura para que haja menos incentivo a políticas públicas voltadas para os velhos e passando para a sociedade civil a responsabilidade de acolher e lidar com os sujeitos que não alcançam determinada estabilidade na velhice, através de organizações não governamentais e diversas outras instituições ligadas ao “terceiro setor”¹⁵.

Precisamos romper com a ideia que ter envelhecimento saudável é apenas uma questão de mudança de hábitos, o que descaracteriza o papel das políticas para idosos, ainda pouco implementadas em nosso país (SZYMANSK, 2002, p. 10).

Com a centralização do processo de envelhecimento na saúde e bem-estar dos idosos e a responsabilização dos velhos pela sua velhice, as políticas públicas voltadas para essa fase da vida tendem a, cada vez mais, sofrerem rebatimento e cortes. Os velhos são, então, vitimados duplamente pelo Estado capitalista, pois já não são mais tão úteis como força de trabalho para o capital e também não são alvo prioritário na formulação de políticas públicas que visem à mediação das expressões da Questão Social.

Portanto, a noção de velhice¹⁶ é expressa como uma manifestação da Questão Social, ao ser indissociável do debate acerca do trabalho, da exploração capitalista, da expropriação dos meios de produção, do tempo de vida dos trabalhadores e de suas necessidades (TEIXEIRA, 2008). O debate sobre o envelhecimento se insere no contexto de desigualdades sociais, em que a classe trabalhadora luta e reivindica por melhores situações trabalhistas, reconhecendo a “problemática social do envelhecimento”¹⁷. A partir da relação contraditória estabelecida entre capital e trabalho percebe-se a perda de valor de uso¹⁸ do trabalhador velho, tanto de forma

¹⁵ Segundo a Rede Brasileira do Terceiro Setor (REBRATES): O Terceiro Setor corresponde às instituições com preocupações e práticas sociais, sem fins lucrativos, que geram bens e serviços de caráter público, tais como: ONGs, instituições religiosas, clubes de serviços, entidades beneficentes, centros sociais, organizações de voluntariado etc.

¹⁶ A noção de velhice é definida “como a última fase do ciclo vital [...] delimitada por eventos de natureza múltipla, incluindo, restrições em papéis sociais e especialização cognitiva” (NERI, 2001, p.46).

¹⁷ De acordo com Teixeira (2008), o uso das aspas se remete ao fato que de nem todas as classes são destituídas de propriedade e nem perdem valor de uso para o capital.

¹⁸ Aqui, em Marx, valor de uso é a valoração, utilidade que uma coisa tem de suprir as demandas do capital.

fisiológica, patológica, quanto de forma social, não reconhecendo as relações sociais de produção e reprodução impostas na sociedade.

O capitalismo, através do controle das práticas temporais, espaciais e dos meios de produção, aloca e realoca o tempo de vida dos trabalhadores ou o tempo social, redefinido pelas necessidades reprodutivas ampliadas do capital, seja enquanto tempo de trabalho, “tempo livre” ou tempo de envelhecer. Constituindo o envelhecimento do trabalhador, enquanto tempo de vida, objeto de controle social e de fonte de experiências negativas com essa perspectiva de tempo, que associado às desvalorizações sociais (em função do valor econômico dos indivíduos), à pobreza, e às restrições físicas e sociais, configuram parte dos problemas que essa classe enfrenta na velhice (TEIXEIRA, 2008, p. 57).

Portanto,

A centralidade no envelhecimento do trabalhador advém do movimento real e não apenas de pressupostos teórico-metodológicos. É a classe trabalhadora a protagonista da tragédia no envelhecimento, considerando-se a impossibilidade de reprodução social e de uma vida cheia de sentido e valor na ordem do capital, principalmente, quando perde o “valor de uso” para o capital, em função da expropriação dos meios de produção e do tempo de vida. Portanto, não é para todas as classes que o envelhecimento promove efeitos imediatos de isolamento, exclusão das relações sociais, do espaço público, do mundo produtivo, político, artístico, dentre outras expressões fenomênicas dos processos produtores de desigualdades sociais (TEIXEIRA, 2008, p. 30).

Desse modo, a classe trabalhadora é submetida a uma depreciação social e alienação em que, somente, produz para satisfazer as necessidades de valorização da produção do capital, e não para satisfazer as suas próprias necessidades humanas e sociais. Além disso, a sociabilidade capitalista, exclui os indivíduos trabalhadores velhos das relações sociais, sentenciando esses idosos a uma pobreza extrema agravando a realidade de vida da classe trabalhadora através do desmonte da proteção social.

Assim, a condição social dos idosos tende a se diferenciar no próprio interior da classe trabalhadora, conforme o padrão de reprodução social instituído na sociedade brasileira, sendo que, sobre os trabalhadores mais pobres, recai um envelhecimento desumanizante, desprotegido, quase sempre objeto de ações filantrópicas. Mesmo a ação estatal por meio da assistência social, que passa a determinar esses trabalhadores mais pobres como alvo específico dessa “não-política”, se dá apenas na década de 1960, no regime militar. Esses assistidos recebem um tratamento dispensado aos “invisíveis” para o capital, isto é, um padrão trivializado de reprodução social, que recria as desigualdades e as relações de subordinação das classes subalternas (TEIXEIRA, 2008, p. 159-160).

É da desapropriação do valor de uso do trabalhador velho para o modo de produção capitalista, que o Estado burguês irá intervir com a formulação de políticas públicas como respostas as demandas sociais colocadas pela classe trabalhadora e por suas famílias. É nesse contexto que o Serviço Social tem sua consolidação como uma profissão especializada e técnica para trabalhar e formular as políticas públicas.

[...] a atuação do Assistente Social é necessariamente polarizada pelos interesses de tais classes [burguesia e proletariado – FGO], tendendo a ser cooptada por aqueles que têm uma posição dominante. Reproduz também pela mesma atividade, interesses contrapostos que convivem em tensão. Responde tanto a demandas do capital como do trabalho e só pode fortalecer um ou outro polo pela mediação de seu oposto. Participa tanto dos mecanismos de dominação e exploração como, ao mesmo tempo e pela mesma atividade, da resposta às necessidades de sobrevivência da classe trabalhadora e da reprodução do antagonismo nesses interesses sociais, reforçando as contradições que constituem o móvel básico da história (IAMAMOTO & CARVALHO, 1986, p. 75).

Buscando frear o esgotamento do modelo societário capitalista e proteger a classe burguesa no âmbito do tensionamento da relação de produção e reprodução das relações sociais, as políticas sociais enquanto uma forma de resposta do Estado e do sistema capitalista às reivindicações da classe trabalhadora sob as manifestações da Questão Social, são seletivas e focalizadas, mas, ainda assim, são as únicas formas de proteção social dos sujeitos de forma ampliada e articulada com as demandas sociais.

Todavia, afirma-se o intervencionismo estatal nas expressões da questão social, desde quando o Estado assume a tarefa de desencadear um sistema nacional de proteção social com a montagem do padrão de seguridade social, como parte de uma cultura de fazer política social estabelecida mais explicitamente nos pós-guerras, pela correlação de forças e necessidades expansionistas do capital monopolista, mas que assume peculiaridades, tais como: fragmentação dos beneficiários e benefícios, “universalização” por baixo, baixa eficácia e efetividade das políticas sociais, articulada a estratégias de privatização e filantropização destas, elemento constante no modo de enfrentar a questão social no país (TEIXEIRA, 2008, p. 124).

No que diz respeito aos velhos, as políticas destinadas à esses, como tantas outras, atuam apenas na extrema miséria como forma de intervir só quando já há a

“vulnerabilidade social”¹⁹, não considerando a velhice como um processo que se inicia ao nascer e que deveria ser encarado pelo Estado com uma intervenção abrangente e contínua. Entende-se a necessidade de se pensar em políticas públicas voltadas para os velhos, porém além de focalizadas essas políticas são paliativas. A proteção social deveria ser em toda a trajetória de vida do trabalhador, para assim, quando se alcançasse a velhice biológica, este processo seria assegurado pelo Estado e pela seguridade social.

A Seguridade Social²⁰ foi vinculada a agenda das políticas públicas no decorrer da década de 1980, a partir da Constituição Federal de 1988, envolvendo, além do direito à cidadania, o direito assistencialista e trabalhista ao instituir o tripé – assistência, saúde e previdência – e ao responsabilizar, em partes, o Estado pela efetivação da proteção social de velhos e trabalhadores em todos os âmbitos.

Instaura-se, assim, um padrão de proteção social, via políticas sociais públicas, que tem como características respostas fragmentadas ou a antecipação frente às demandas sociais, de modo a controlar os movimentos classistas e sociais que problematizam suas necessidades sociais em cena pública; a evitar a constituição de sujeitos políticos, fora da arena de controle do Estado, cuja consequência é a transmutação de direitos em concessões (TEIXEIRA, 2008, p.150).

É nesse contexto que há o reconhecimento do envelhecimento do trabalhador como uma “vulnerabilidade social” de responsabilidade do Estado ao instituir, baseado no modelo de Bismarck na Alemanha (1883) o Seguro Social, uma política de Previdência Social de controle da força de trabalho e do exército industrial de reserva, ao manter o consenso entre capital e trabalho.

O funcionamento da Previdência Social se baseia na contribuição da força de trabalho com uma porcentagem de seu salário e serviria como uma forma do sujeito ter algum tipo de renda ao perder sua capacidade laborativa devido ao envelhecimento biológico, gerando os problemas sociais na velhice através da

¹⁹ Sobre o termo “vulnerabilidade social”, aqui baseia-se na concepção de Teixeira (2008) quando a mesma utiliza o termo para expressar a intervenção do Estado frente às demandas advindas da extrema miséria.

²⁰ “Art. 194: A seguridade social compreende um conjunto integrado de iniciativa dos poderes públicos e da sociedade, destinados a assegurar os direitos relativos à previdência, assistência e à saúde, sendo uma estratégia do Estado de garantir o mínimo social a população” (BRASIL, 1988).

pobreza e da dependência de recursos externos, seja de familiares, da sociedade ou do Estado.

Obviamente o acesso aos mínimos sociais, através das políticas de previdência e assistência social, às frações da classe trabalhadora que sempre foram pobres e excluídos do mercado de trabalho formal sem direitos trabalhistas, e com idade cronológica avançada, significou um importante mecanismo de combate à miséria, mas sem condições de romper com o ciclo da pobreza (TEIXEIRA, 2008, p.42).

Assim,

Assinale-se que grande parte dos idosos das classes trabalhadoras está em situação de dupla vulnerabilidade, enquanto pobres e enquanto idosos. De um lado, seriam vítimas das formas de discriminação e exclusão, próprias das sociedades ocidentais aos que têm mais idade, aprofundando e reproduzindo as experiências negativas com o tempo; e, por outro lado, são submetidos a um padrão trivializado de reprodução social, baseado em mínimos sociais, pelo sistema de proteção social público que atinge apenas aos mais pobres ou aos que não tiveram condições de pagar a previdência social (TEIXEIRA, 2008, p. 41-42).

Esse cenário de extrema pobreza e de precarização da vida dos velhos está submetido há um agravamento durante a década de 1990 com incidência de uma acumulação flexível voltada para a consolidação de um Estado Mínimo que restringirá sua intervenção frente às demandas sociais e políticas sociais com a redução do atendimento à pobreza através de políticas focalizadas, seletivas e mercantilizadas, passando essa reponsabilidade para a sociedade civil que traz novamente à realidade o caráter de solidariedade e filantropia das ações e serviços sociais ofertados.

Essas novas tendências no desenho das políticas sociais, impostas aos países periféricos pelo ajuste estrutural à nova ordem mundial globalizada, inviabilizam as incipientes e parciais práticas de proteção social pública e reforçam o caráter assistencial e compensatório do combate à pobreza nas intervenções do Estado e as históricas relações entre o “público” e o “privado” na prestação de serviços sociais (TEIXEIRA, 2008, p.120).

Apesar da década de 1990 trazer retrocessos às políticas públicas e a proteção social, não devemos deixar de enfatizar que, com a promulgação da Constituição Federal de 1988, que reconhece o idoso como um indivíduo assegurado pela proteção

social, há um avanço em relação as políticas destinadas a essa parcela da sociedade, assim como a criação da Política Nacional do Idoso no ano de 1994, do Estatuto do Idoso no ano de 2003 e a formulação das políticas de saúde que criaram diretrizes nacionais próprias para os velhos.

As formas de respostas contemporâneas à problemática social do envelhecimento dos trabalhadores incluem as políticas de seguridades social (reformadas), mas principalmente uma política setorial nacional dirigida aos idosos como grupo etário, e o Estatuto do Idoso, como mecanismo jurídico de defesa dos direitos dos idosos, que reafirmam as políticas anteriores, no que se refere à proteção ao idoso, mas as ampliam, incluindo outras necessidades sociais. Incluem, também, como parte dessas respostas uma diversidade de iniciativas particulares privadas de proteção social, do chamado “terceiro setor” e do setor lucrativo, compondo um novo desenho de política social para idosos [...] (TEIXEIRA, 2008, p. 197).

Na atual conjuntura, os trabalhadores, os velhos e o futuro dos jovens estão sendo ameaçados pela instauração de uma Emenda Constitucional (PEC 241/16) de congelamento dos gastos para o tripé da Seguridade Social e demais políticas, e o agravamento da concessão de uma renda mínima para os velhos e os impossibilitados de trabalhar através da proposta de uma Reforma da Previdência fomentada por um governo marcado por características neoliberais²¹ de focalização e seletividade dos benefícios sociais, agravando cada vez mais a qualidade de vida dos sujeitos. A falta de uma renda mínima e o agravamento da situação de pobreza afeta os velhos trabalhadores, em vários segmentos de suas vidas, levando-os a permanecer no mercado de trabalho informal.

[...] muitos idosos e idosas brasileiros permanecem em atividades laborais no sistema produtivo capitalista, mesmo após aposentar-se, em razão da insuficiência financeira, concernente à aposentadoria, no qual são aposentados tendo por base o salário decorrente da venda da força de trabalho, produzindo um rebaixamento financeiro no momento da aposentadoria (SANTOS; RIOS; SILVA; SOARES apud TEIXEIRA, 2017, p. 90).

Apesar de muitos velhos se manterem inseridos no mercado de trabalho informal, devido ao alto custeio de sua sobrevivência, os idosos só serão valorizados

²¹ Dando continuidade à ofensiva neoliberal, a partir do Golpe de 2016 que acarretou na tomada de poder pelo, então, Presidente Michel Temer (2016-2018) consolidou-se a proposta da Emenda Constitucional 241/16, sendo aprovada a partir do novo governo comandado por Jair Messias Bolsonaro (2019-2022).

na sociedade a partir da aposentadoria, pois ela traz, supostamente, melhorias na qualidade de vida dos velhos e os permite tornar funcional ao capital, visto que há o aumento do consumo de mercadorias e serviços, tanto os relacionados a saúde quanto aos relacionados ao lazer.

Etapas da vida como velhice e aposentadoria não deveriam mais ser vistas como sinônimo de decadência, pobreza e doença, mas sim como uma época na qual o trabalhador poderia realizar atividades livres dos constrangimentos do mundo profissional e familiar. Em outras palavras, poder-se-ia dizer que a aposentadoria e, conseqüentemente, a velhice é o estágio da vida propício a novos aprendizados, à descoberta de novas vocações, à realização dos sonhos da juventude que não puderam ser concretizados (BENEDITO apud TEIXEIRA, 2017, p. 223).

Evidencia-se que o ciclo de vida, ao chegar no estágio da velhice, proporciona aos idosos a vivência da “idade de ouro”, da “idade do lazer”, da “melhor idade” (TEIXEIRA, 2008), mas na verdade o que presenciamos é uma velhice marcada por crescentes desvalorizações, fantasiada de “melhor idade”. A velhice só é boa para uma determinada classe da sociedade, aquela que não abdicou de todo o seu tempo de vida para o trabalho, aquela que foi libertada da exploração do trabalho.

[...] a engenhosa montagem desta “nova” imagem da vivência da velhice [...] silencia, de certa forma, as contradições sociais, pois mitifica a vivência humana ao supor que é uma regra inalterável: trabalhar, procriar, sustentar a família e depois só na velhice, quando já afastado do trabalho, é que se tem direito ao tempo de lazer e permissão para “viver feliz” ou “viver a vida mesmo” (SILVA SOBRINHO, 2007, p.216).

Desse modo, perde-se a noção da existência de uma “problemática social” do envelhecimento e como isso pode afetar a qualidade de vida dos sujeitos, mantendo a reprodução da acumulação do capital e da acumulação de miséria, ao esquecer a necessidade de execução de políticas e programas sociais ofertados aos sujeitos que envelhecem.

Nesse contexto, eclodem na cena pública as propostas de melhoria da qualidade de vida, principalmente, via organizações privadas, antes mesmo das lutas por melhores condições objetivas de vida, especialmente para os mais pobres que perdem a centralidade nas lutas e reivindicações dos movimentos em prol dos idosos. Essa direção das lutas reflete as orientações teóricas dos *experts* norte-americanos, sobre a qualidade de vida no envelhecimento, os quais destacam critérios subjetivos como: a satisfação com

a vida; expectativas com o futuro; vida ativa; competência adaptativa no exercícios de papéis sociais e no ajustamento pessoal; vida produtiva; continuidade de papéis e relações informais, dentre outros critérios que reforçam a responsabilidade individual com o bem-estar na velhice, correspondendo as atividades de responsabilidade pública via políticas sociais, àquelas que contribuem para o bom desempenho das atividades de responsabilização individual (TEIXEIRA, 2008, p.166-167).

Sendo assim, a chamada “melhor idade” só será alcançada por uma pequena parcela da sociedade que durante sua trajetória de vida teve direitos assegurados e acesso a serviços básicos e de qualidade, e assim sentiu de forma reduzida as expressões da Questão Social. Logo, sendo o envelhecimento uma das expressões da Questão Social na sociedade capitalista, para se alcançar a “melhor idade” mais que mudanças de hábitos e alimentação saudável do sujeito, há de se ter a intervenção do Estado para garantir a qualidade de vida dos velhos nas diversas formas que o processo de envelhecimento se apresenta.

2. O PROCESSO DE ENVELHECIMENTO E A QUALIDADE DE VIDA DOS VELHOS

Neste capítulo iremos apresentar a metodologia utilizada para a confecção desse trabalho, assim como apresentaremos os protagonistas desse estudo: os velhos e velhas que em seus relatos contribuíram de forma significativa, compondo grande parte desse estudo. Explicitados os meios de confecção e os protagonistas desse trabalho, iniciaremos uma análise que relacionará a satisfação de vida no trabalho e a velhice, resgatando as discussões acerca das relações sociais inerentes a sociabilidade capitalista discutidas nos primeiros capítulos desse estudo.

Dessa forma, conseguiremos ainda que de forma simples e não aprofundada, como um primeiro contato com essa temática e experiência investigativa, demonstrar a interlocução entre qualidade de vida e trabalho, identificando como o processo de envelhecimento é vivenciado por diferentes velhos de diferentes camadas sociais.

2.1. Caminhos Metodológicos: encontrando os trabalhadores que envelheceram

A pesquisa foi realizada no Programa de Extensão “Polo Interdisciplinar de Ensino, Pesquisa e Extensão sobre o Processo de Envelhecimento”, da Faculdade de Serviço Social da UFJF, do município de Juiz de Fora, localizado na Casa Helenira Preta na Rua Severino Meirelles, número 260, no Centro de Juiz de Fora. Esse Programa, desde 1991, atua com projetos voltados para a população idosa, e no Bairro Dom Bosco, através do Projeto “Nucleação do Polo Interdisciplinar de Ensino, Pesquisa e Extensão sobre o Processo de Envelhecimento”, que é desenvolvido na sede da Associação Espírita do grupo Semente, na Rua Belo Vale, número 138, desde 2003, tem como objetivo abranger maior território e população idosa e assim descentralizar o trabalho realizado no Polo.

Para construirmos nossa pesquisa, focamos em apenas uma pequena parcela dessa população envelhecida, que foi delimitada pelos atendidos e/ou beneficiados pelo Programa de Extensão supracitado nos Projetos nele desenvolvidos. No intuito de abarcarmos e demarcamos as diferenciações socioeconômicas, culturais e das relações com a cidade e entre eles e outros sujeitos da mesma geração, ou não, que os participantes estabelecem em suas trajetórias, escolhemos realizar as entrevistas com os inscritos no Projeto “Memória e Qualidade de Vida: uma ação interdisciplinar

com vistas ao envelhecimento ativo e saudável”²² (desenvolvido na Sede do Programa) e os no “Nucleação do Polo Interdisciplinar de Ensino, Pesquisa e Extensão Sobre o Processo de Envelhecimento”²³ (desenvolvido na Associação Espírita Semente). Cabe-nos destacar que o Programa atendeu, no ano de 2019, aproximadamente, 370 idosos em seus Projetos e 40 desses se inscreveram no Projeto “Memória e Qualidade de Vida” e 40, no Projeto “Nucleação”. Dessa forma, foram entrevistados, aproximadamente, 10% dos velhos que frequentam o Projeto Semente e 10% dos 40 idosos que participam do projeto de extensão “Memória e Qualidade de Vida: uma ação interdisciplinar com vistas ao envelhecimento ativo e saudável” ofertado pelo Programa de Extensão. A escolha de focar a entrevista com os velhos participantes desses projetos se deu pela diferenciação das condições socioeconômicas que ocorrem dentro desses grupos, pois, segundo o levantamento do perfil dos usuários/atendidos pela equipe, os velhos participantes em ambos os grupos possuem rendas muito distintas, sendo assim possível entrevistar velhos pertencentes a diferentes realidades sociais e econômicas. A nossa aproximação com os dois grupos de velhos atendidos, tanto na sede do Programa de Extensão, quanto na Associação Espírita Semente, localizada no bairro Dom Bosco, também foi de suma importância para a escolha desses dois grupos para a realização das entrevistas.

O trabalho investigativo teve início a partir da apresentação dos objetivos do trabalho para os idosos dos dois Projetos, para só assim conseguir selecionar quatro sujeitos de cada instituição para participarem da pesquisa. A princípio, o intuito era selecionar oito idosos de cada grupo, porém, a demora em uma resposta do Comitê de Ética da Universidade Federal de Juiz de Fora não só interferiu no número de entrevistados, reduzindo para quatro idosos de cada instituição como também fez com que essa pesquisa acontecesse sem a aprovação do Comitê, já que se esse processo se prolongasse mais, não seria possível a construção do Trabalho de Conclusão de Curso em tempo hábil para apresentação no final do segundo semestre de 2019, como era previsto em cronograma. Sendo assim, em acordo com a orientadora dessa

²² Esse projeto de extensão tem como objetivo a desmistificação do que é esquecimento e memória, sendo uma oficina que a cada encontro traz diversos conceitos a serem trabalhados a partir de dinâmicas e palestras expositivas.

²³ O objetivo desse projeto é descentralizar as atividades que já ocorrem no Polo Interdisciplinar de Ensino, Pesquisa e Extensão Sobre o Processo de Envelhecimento para os bairros periféricos do Município de Juiz de Fora.

pesquisa, foi decidido que a melhor solução seria dar andamento às entrevistas sem a aprovação prévia do Comitê, considerando todos os procedimentos éticos, para que o trabalho não fosse prejudicado.

A metodologia da entrevista foi qualitativa para a obtenção de respostas referentes às suas trajetórias de vida e as condições de seus processos de envelhecimento, tendo em vista a sua relação com o trabalho. O formulário de entrevista aplicado, que teve um total de quinze perguntas, apresentou questões relacionadas a dados sócio econômicos e culturais para traçar um perfil dos entrevistados, e perguntas direcionadas a sua vivência no trabalho e sobre sua qualidade de vida na velhice. As entrevistas aconteceram em salas previamente reservadas nas instituições que os idosos frequentam, em horários acordados entre as entrevistadoras e os entrevistados, e dado o consentimento, através do preenchimento e da assinatura do termo de compromisso, e o conforto dos idosos, a conversa foi gravada.

De forma geral, as entrevistadoras encontraram dificuldade em conseguir extrair dados importantes dos entrevistados, em parte pela singularidade de cada idoso entrevistado, que somadas às dificuldades próprias das primeiras experiências investigativas dos “entrevistadores”, acabaram por acarretar a necessidade de um cuidadoso processo de seleção e análise dos dados coletados, inclusive sobre o que seria enfatizado nessas análises e, igualmente, uma frustração em relação à densidade dos relatos, embora em nada comprometa o valor desses. É importante voltar a citar que a dificuldade em lidar com as demandas do Comitê de Ética também foi ponto crítico e influenciou diretamente na dinâmica das entrevistas, já que o tempo empregado em esperar uma resposta do Comitê dificultou a preparação para a ida a campo.

2.2. Os Velhos Trabalhadores

Aqui serão apresentados os protagonistas desse estudo, os velhos e velhas, a partir do uso de nomes fictícios, que participaram e doaram um pouco de seu tempo para a confecção desse Trabalho de Conclusão de Curso, contado um pouco de suas trajetórias de vida e suas experiências com o trabalho, assim como elucidando o que qualidade de vida significa para cada um.

Primeiro apresentaremos as idosas do Projeto Semente, em ordem cronológica em que ocorreram as entrevistas.

Marilda

Nascida em 22 de junho de 1952, em Juiz de Fora – MG, é negra e moradora do bairro Dom Bosco há 67 anos, ou seja, desde que nasceu, residindo sozinha nos dias atuais, na casa que era de seu pai. Ao ser perguntada sobre seu estado civil diz feliz com entonação “divorciada, graças a Deus!”, rindo relata que é pensionista do “abençoado”, como chama o ex-marido, e por receber uma renda muito baixa (cerca de 530 reais), está tentando receber o LOAS (Lei Orgânica da Assistência Social BPC/LOAS, Lei nº 8742/93).

Dona Marilda estudou até o 5º período de psicologia em uma faculdade particular de Juiz de Fora, parou os estudos porque ficou doente com pneumonia e assim não poderia mais trabalhar para pagar a faculdade. Na época, com 35 anos e grávida, o marido chegou a prometer que se ela saísse do emprego para se tratar ele pagaria seus estudos, o que não ocorreu, pois no mesmo ano como diz, rindo, Dona Marilda “ele entrou com o pé e eu com o bumbum”, e assim teve que sair da faculdade.

Começou a trabalhar depois que casou, quando solteira o pai não deixava que ela trabalhasse, porque segundo o que relata, o pai tinha um bom emprego em uma empresa de ônibus de Juiz de Fora, e assim conseguia dar uma boa vida para os filhos. Iniciou sua vida de trabalho na mesma empresa que o pai, aos 26 anos após ter dado à luz ao terceiro filho, relata que era um bom lugar para trabalhar, muito mais simples que os dias atuais. Ganhava um bom salário, maior que o marido, o que fez com que ele insistisse para sua saída da empresa quando esteve doente.

Atualmente, aos 67 anos diz tratar a transição para a velhice de forma leve, mas que fisicamente, sentiu essa transição a partir dos 39 anos, por conta de um grave AVC que a deixou paralisada do lado direito por um tempo. Apesar desse período difícil, que teve uma piora em suas funcionalidades vitais, Dona Marilda relata que sua qualidade de vida é viver do jeito que quer, não deixar de fazer as coisas que gosta, diz rindo que mesmo depois do período doente ainda fuma e bebe quando quer, que apesar de viver com dificuldade sem o dinheiro do marido, prefere viver buscando a felicidade. A casa em que vive pertenceu a seu pai, e atualmente por conta de uma retaliação de inimigos do neto, a casa está em condições precárias, fazendo com que

Dona Marilda tenha que tomar seus banhos na casa do filho ou esquentando água no fogão.

Dona Marilda tem uma fala mansa, só se altera quando fala sobre o ex-marido a quem diz já ter culpado muito pela perda do emprego e da faculdade. Esboça um grande sorriso quando conta sobre seus momentos de felicidade com a cerveja e cigarro no fim de semana, e fica orgulhosa ao falar dos filhos, principalmente o caçula, adotado recém-nascido, diz ser a melhor coisa que fez na vida e é com ele que ela conta nos momentos difíceis. Apesar de muito gripada no dia da entrevista, Dona Marilda relata sua trajetória de vida e faz questão de contribuir com a narrativa, sempre de forma leve e aberta às questões da pesquisa.

A entrevista foi realizada na sala principal do Projeto Semente, onde acontece os encontros do grupo que Dona Marilda participa. Foi selecionada a partir de seu perfil sócio econômico e interesse no dia da apresentação do projeto para seu grupo, a entrevista foi marcada de acordo com sua possibilidade de encontrar com as entrevistadoras. A entrevista teve duração de 14 minutos.

Eu vivo assim do jeito que eu quero, hoje em dia tenho uma vida muito menos do que eu tinha com ele (marido) em questão financeira [...] só procuro minha felicidade [...] se eu tô aqui tô junto com ela se ela tá lá eu vou pra lá, eu não penso em comprar casa em cabo frio só quero viver [...] (Fragmento da entrevista).

Regina

Nasceu em 17 de julho de 1960, em Juiz de Fora – MG, é negra, a mais velha de oito irmãos. Mora em casa própria no bairro Dom Bosco com o marido, filha e neta. Apesar de aposentada por tempo de serviço, continua trabalhando no mesmo emprego que aposentou por não conseguir se manter só com o salário mínimo da aposentadoria, relata que estava a 30 anos trabalhando de copeira hospitalar, e completa com um ar triste “é uma vida né?”.

Começou a trabalhar aos 17 anos em uma tecelagem que aceitava empregar menores de idade, relata que trabalhava das 5 da manhã até às 14 horas e depois ia estudar. Aguentou por um tempo trabalhar e estudar, mas depois ficou muito cansada e largou a escola, não completando assim o ensino médio. Disse em sua narrativa que precisava trabalhar, como filhas mais velhas, ela e a irmã tinham que ajudar os

pais a sustentar a casa. Desde que começou a trabalhar aos 17 anos nunca parou, trabalhou em uma tecelagem, quatro malharias e três casas de família. Até que ingressou como copeira hospitalar no emprego que dura até os dias atuais, já há 30 anos.

Hoje, aos 59 anos, relata que apesar de alguns problemas de saúde, devido ao tempo de serviço, se sente preparada para a transição para a velhice, mas que a pressão e cobrança do trabalho dificultam seu cotidiano.

[...] muita pressão e a gente assim não tem valor, quem tem tempo de serviço não tem valor. É muita cobrança e acha que a gente não tem gabarito, possibilidade de arcar com a responsabilidade [...] (Fragmento da entrevista).

Quando perguntada sobre sua qualidade de vida diz que financeiramente tem muita dificuldade, que gostaria de parar de trabalhar, mas que só com o salário mínimo não consegue manter o sustento da família e complementa que o marido também é aposentado por tempo de serviço, mas que assim como ela continua a trabalhar para complementar a renda. Relata que sabe que não é a mesma Regina de quando começou a trabalhar como copeira hospitalar, com 28 anos, e sente que não é valorizada no trabalho por ser velha, apesar de conhecer cada pedaço do hospital, em suas palavras. Ao mesmo tempo que relata a desvalorização que sente no trabalho, agradece por estar trabalhando.

Senhora Regina permanece quase todo tempo da narrativa com um olhar cansado, narra sua vida no trabalho com pouco entusiasmo, só muda de expressão quando conta como conheceu o marido na fábrica de tecelagem que trabalhava quando adolescente, pela primeira vez durante a entrevista ri e diz que se não fosse seu primeiro trabalho não era casada até hoje. Já no fim da entrevista relata que é feliz pelo trabalho e que só pensa em parar por conta da saúde.

A entrevista ocorreu na sala onde acontece os encontros do grupo de idosos que Senhora Regina participa, no Projeto Semente. Foi selecionada por ser frequentadora do grupo e por ter sido indicada pelas discentes que atuam no Nucleação, levando em conta seu perfil sócio econômico e interesse em participar da pesquisa. A entrevista durou cerca de 10 minutos.

Aparecida

Nasceu em Juiz de Fora – MG em 2 de junho de 1950, negra, viúva, mora em uma casa cedida pela sua sogra no bairro Dom Bosco com a filha e as duas netas. É aposentada, mas já chegou a trabalhar como cuidadora de idosos depois que aposentou.

Começou a trabalhar com 15 anos no comércio, trabalhou em casas de família e depois que casou passou a trabalhar em uma conservadora que prestava serviços em alguns prédios de Juiz de Fora, trabalhando como serviços gerais e na portaria. Em sua narrativa relembra sobre discriminações sofridas quando trabalhou em casas de família, mas não deixa de citar que fora isso só tem boas memórias de seus trabalhos e que sente muita saudade.

Teve muitos momentos marcantes, situações assim, tipo, seu prato tá lá no terreiro, na prateleira, eu era discriminada até que um dia eu peguei um prato de casa e uma xícara de casa, aí ela perguntou “por que você fez isso?”, e eu respondi “uai a senhora gosta das coisas separadinhas, assim como eu”, aí ela despistou falando que os pratos dela eram a conta certa [...] isso me marcou bastante [...] (Fragmento da entrevista).

Relata ter lidado bem com a transição para a velhice, que sua família ajudou e que sua qualidade de vida em relação a situação financeira é boa.

A entrevista foi realizada na sala principal do Projeto Semente, e foi agendada de acordo com a disponibilidade de dona Aparecida. A escolha de entrevistar a idosa foi feita com base na indicação das discentes que desenvolvem o grupo que a mesma faz parte. Durante a entrevista, dona Aparecida estava séria e com um ar de cansaço. A entrevista durou cerca de 8 minutos.

Josefa

Nasceu em 13 de setembro de 1949, em Juiz de Fora – MG, é negra, viúva e mora no bairro Dom Bosco em uma casa cedida pela “comadre” com a filha. Aposentou com 49 anos por tempo de serviço, trabalhava na lavanderia de um hospital.

Começou a trabalhar com 6 anos, quando foi levada para a zona rural da cidade para trabalhar em uma fazenda. Segundo seus relatos vivia em uma situação de trabalho análoga a situação escrava para um fazendeiro e a família dele, e por muitos anos foi explorada e sofreu violências física e sexual.

[...] hoje é diferente né, tem lei pra tudo, as pessoas não podem fazer ou abusar das crianças hoje [...] Na minha época eles abusavam, era muito ruim [...] Não me abusou porque eu não deixei, eu corri muito para o mato (Fragmento da entrevista).

Quando conseguiu ir trabalhar na cidade, tinha o salário retido pelo fazendeiro que por muitos anos foi presença violenta constante em sua vida. Por intermédio de uma patroa conseguiu se ver livre de sua situação de exploração e passou a ter um salário e “sua vida de volta” (segundo suas palavras), trabalhando em outras cidades e estados por muitos anos. Quando volta para Juiz de Fora, relembrou o momento que se reconectou com sua família, narrando a difícil aceitação da morte da mãe.

Dona Josefa, hoje com 70 anos, relata de forma leve que nunca se incomodou com a velhice, que não esperava chegar aos 70 anos, inclusive tinha muito medo de morrer dando à luz aos filhos. Para dona Josefa cada ano que passou foi uma conquista, em sua narrativa expressa a surpresa de cada ano que viveu e a felicidade de alcançar a velhice. Narra que tem boas memórias da época em que trabalhava em seu último emprego, na lavanderia de um hospital, que memória ruim só a do trabalho na fazenda quando criança. Define sua qualidade de vida como boa, só sendo piorada por conta da saúde.

Durante a entrevista, Dona Josefa se mostrou bem emocionada ao lembrar os momentos tristes e sofridos que vivenciou na fazenda com seu patrão e pela possível rejeição de seu, até então, padrasto que após a perda da mãe, foi embora levando seu filho, irmão de dona Josefa. Mas relembra com carinho e sorrisos o momento que reencontrou com a família da mãe durante a fase adulta e ao descobrir que o padrasto, na verdade era seu pai biológico.

A entrevista foi realizada na sala principal do Projeto Semente, e foi agendada de acordo com a disponibilidade de dona Josefa. A escolha de entrevistar a idosa foi feita com base na indicação das discentes que desenvolvem o grupo que a mesma

faz parte e por seu próprio interesse em participar. A entrevista durou cerca de 17 minutos.

Quanto aos idosos participantes do Projeto “Memória e Qualidade de Vida”, tem-se os seguintes:

Maria José

Nasceu em Juiz de Fora – MG em primeiro de maio de 1951, é branca, moradora do bairro São Mateus, residindo com o marido em uma casa própria. Mais nova de duas irmãs, teve acesso a escolas particulares e cursos de línguas, o que mais tarde a levou a seguir carreira de professora de inglês. Seu primeiro contato com o trabalho foi cedo, no início da adolescência, dando aulas de reforço particular para os filhos das amigas de sua mãe, relata que nessa época sentia grande necessidade em ter seu próprio dinheiro e liberdade.

Senhora Maria José fez faculdade de letras na Universidade Federal de Juiz de Fora, e se especializou na língua inglesa, relata que começou a cursar inglês em uma importante escola de Juiz de Fora com 11 anos, e dessa forma, ainda muito nova, quando formou, passou a dar aulas nessa mesma escola. Relembra com carinho de quando começou seu trabalho como professora de inglês, dando aula para uma turma que em sua maioria eram médicos e empresários mais velhos, cita que para ela era o lugar onde ganhava seu dinheiro, mas não era um emprego, e sim parte importante na sua vida. Relata que na época era um ambiente elitista, onde só pessoas ricas e viajadas estudavam, e que foi nesse ambiente que teve acesso a como se portar e ter boas maneiras.

Hoje, com 68 anos e aposentada desde os 64, diz ter sido difícil o processo para parar de trabalhar. Relata que por ser especialista em sua área, era sempre requisitada para treinar novos professores na escola de inglês que ainda trabalhava, e que foi difícil decidir se era mesmo a hora de parar. Por opção se aposentou há quatro anos, mas segundo ela é difícil não se manter ativa, o que fez com que procurasse terapia para trabalhar suas questões com a ansiedade. Narra que sua transição para velhice foi natural, mas que nos últimos dois anos tem sentido de forma

mais intensa, chegando a ter medo da velhice. Divide seus cuidados com sua saúde física e sua saúde mental.

[...] sou lúcida, tenho saúde física, mental, espiritual e cada dia eu aprendi a viver só por hoje, porque eu sou muito ansiosa. Gostaria de dançar mais, mas meu marido não gosta, aí me limito né [...] temos que fazer escolhas (Fragmento da entrevista).

Senhora Lucia permaneceu o tempo todo solícita à entrevista, contando com orgulho sobre os cursos de aperfeiçoamento que fez durante sua vida, trabalhando como professora. Nos últimos momentos da entrevista, questionou o porquê de ter sido escolhida para participar da pesquisa, mostrando grande preocupação por entender que sua realidade sócio econômica não é o padrão de milhares de idosos. Nesse momento cita que entende que não pode comparar sua vida com a vida de um idoso que é beneficiário da LOAS.

A entrevista aconteceu na sala onde os encontros da Oficina de Memória ocorrem, após o horário da oficina. A escolha da senhora Lucia se deu pelo perfil sócio econômico da mesma, com o intuito de serem entrevistadas velhos e velhas de diferentes camadas sociais. A entrevista teve duração de 17 minutos.

Mauro

Nasceu em Juiz de Fora – MG em 7 de março de 1952, branco, vem de uma família grande de Mar de Espanha. Mora com a esposa e filho em uma casa própria no bairro Santa Terezinha. Primeiro contato com trabalho foi cedo, com 13 anos e fazia de tudo, narra que em sua casa todos seus irmãos trabalhavam desde cedo. Estudou até o ensino médio, e aos 18 anos tirou carteira para trabalhar de praticante no táxi, trabalhava para uma empresa que tinha uma frota de 38 taxis. Relata que a partir daí começou a trabalhar viajando como vendedor e passou por diversas empresas comerciais.

Se aposentou com 57 anos por invalidez devido a complicações da hanseníase que demandou muito tempo em tratamento. Fala com carinho do tempo que trabalhava viajando, citando a época que trabalhava em uma empresa de cigarro e andava com muito dinheiro, lembrando o medo que tinha de ser assaltado.

Ihh meu Deus do céu [...] eu viajava muito de segunda a segunda, comecei a trabalhar cedo com 13, 14 anos. Entregava almoço, naquela época não tinha disso não, lá em casa todo mundo [...] fomos pobres né, graças a Deus! (Fragmento da entrevista).

Passou por inúmeros empregos, todos como vendedor viajando por diversas cidades da região. Recebeu várias propostas para trabalhar no Rio de Janeiro, mas pela distância da família e pelo medo de ser assaltado preferia ganhar um salário menor em Juiz de Fora e ter segurança.

Faz questão de deixar claro, em um dado momento da entrevista, que nunca foi mandado embora de emprego nenhum, com orgulho fala que todos seus patrões o adoravam e que ele sempre pode escolher seus trabalhos. Gosta de lembrar das viagens que fazia, relatando que só tem memórias boas dessa época.

De fala fácil e grande carisma, senhor Mauro passa a entrevista lembrando as grandes empresas que trabalhou no decorrer dos anos. Tem dificuldade em estabelecer uma linha cronológica na sua trajetória com o trabalho, sendo necessário voltarmos algumas vezes para conseguirmos entender como foi sua vida no trabalho e a transição para a velhice, que segundo ele, foi ótima tendo sua aposentadoria todo mês sem falhar. Sobre qualidade de vida, relata que vive bem e passeia muito, mas que a aposentadoria poderia melhorar.

A entrevista aconteceu no auditório da Casa Helenira Preta antes do encontro do projeto de extensão “Memória e Qualidade de Vida”. A escolha de entrevistar senhor Mauro foi levando em conta seu perfil sócio econômico, gênero e interesse na pesquisa. A entrevista foi marcada em acordo com horário que o idoso poderia comparecer ao Polo e durou cerca de 17 minutos.

Helenice

Nasceu em 30 de maio de 1949 em Juiz de Fora – MG, é branca, viúva, pensionista e mora em uma casa alugada no bairro Grajaú com o filho. A mãe morreu em seu parto e muito pequena o pai a levou junto com seus irmãos para morarem com outras pessoas e somente depois da presença de uma nova mulher é que o pai reuniu todos os filhos de volta em casa.

Estudou até a 4ª série porque o pai não deixava frequentar a escola, pois ele dizia “*mulher que aprendeu a ler e escrever já basta, para mexer angu para o marido não precisa aprender mais nada não*”. E quando casou, foi morar na zona rural da cidade onde passou a trabalhar na roça e em casa sendo fortemente controlada pelo marido, diz que depois que casou se sentia ainda mais presa. Dona Helenice quando questionada se tem memórias sobre o trabalho diz que nunca trabalhou, que o pai e o marido não a deixavam trabalhar, mesmo quando a partir de seu relato de exploração de trabalho na roça pelo marido e o trabalho doméstico que fez a vida toda em casa, não reconhece que foi trabalhadora, narra que agora viúva que sabe o que é dinheiro.

[...] casei fui morar na roça, trabalhei na roça com ele ajudando a plantar milho e ajudava em casa [...] trabalhei muito tempo na roça, aí tive minha filha mais velha e depois o do meio [...] meu marido mandava eu deixar meus filhos com a mãe dele e me levava pra roça, querendo ir ou não, às vezes eu estava menstruada e com cólica e eu era forçada a ir, ele falava que é saúde da mulher mesmo. Nunca me deu nada. Se eu te contar que agora depois que ele faleceu é que eu fui conhecer dinheiro vocês não acreditam [...] (Fragmento da entrevista).

Hoje com 70 anos, após a morte do marido, diz que começou a viver. Sai de casa, frequenta a igreja, casas de amigas e familiares e o projeto de Extensão “Memória e Qualidade de Vida”. Diz que ainda hoje fica ansiosa para voltar para casa, que ainda lembra do pavor que era se chegasse em casa atrasada, o medo do marido mesmo depois de morto ainda a deixa nervosa.

Dona Helenice tem fala mansa e baixa, quase chora quando relata a morte do marido, a quem diz sentir saudade apesar de tudo. Relata que a memória que tem do trabalho é de cuidar do marido em seus últimos momentos de vida, e que a transição para a velhice foi ruim por causa da saúde, mas que é agora que está começando a viver. Quando fala de sua qualidade de vida sorri, diz que está reagindo aos poucos e que espera chegar lá.

A entrevista aconteceu na sala onde ocorrem os encontros do projeto de extensão na Casa Helenira Preta. A escolha de Dona Helenice foi baseada em seu perfil sócio econômico e seu interesse na pesquisa. A entrevista durou cerca de 17 minutos.

Ricardo

Nasceu em 3 de fevereiro de 1954 em Juiz de Fora – MG, branco, casado e mora em uma casa própria no bairro Granbery com a esposa. É filho de imigrante sírio, o pai veio com 30 anos para o Brasil, e desde novo trabalhava com a família na feira. Depois, quando foi prestar vestibular para Engenharia, ajudava a família dando aulas de matemática, e após entrar na faculdade continuou dando aulas e ajudando o pai no comércio.

Senhor Ricardo trabalhou por muitos anos como engenheiro em grandes empresas e em sua narrativa expressa que gostava de bater ponto, achava que ganhava mais e ficava mais responsável. Depois de muitos anos trabalhando como empregado, abriu sua própria empresa e narra com carinho que sempre se deu bem com os funcionários, que gosta muito de gente. Narra que por ter tantas atualizações em sua área tem dificuldade de se manter trabalhando, que muitos amigos estão sem trabalho por não conseguirem acompanhar a tecnologia. Durante a entrevista, relata as dificuldades dos seres humanos em viver em sociedade devido a serem e pensarem diferentes e por isso algumas pessoas vivem isoladas.

[...] você tem que tá sempre atualizando e acompanhando o mercado de trabalho, eu cheguei a dar aula na Universidade, dei 2 anos de aula, mas esse Brasil é tem muito sobe e desce, tem período que você não pode ficar só com o salário de professor [...] agora, por exemplo, surgiu um monte de programas novos e não é só eu não, tem alguns colegas que não conseguiram entrar nesse ritmo frenético de atualizações não (Fragmento da entrevista).

Hoje, com 65 anos, é aposentado por tempo de serviço, mas ainda faz alguns trabalhos, apesar da dificuldade que sente de utilizar a tecnologia tanto no trabalho como na vida diária. Relata que a velhice é uma relação com o corpo e com a religião, e que se sente bem com essa fase da vida.

A entrevista aconteceu após o projeto de extensão na sala onde ocorrem os encontros do grupo na Casa Helenira Preta. Senhor Ricardo foi escolhido com base em seu perfil sócio econômico e sua disponibilidade para participar da pesquisa, apesar de que em alguns momentos não parecia estar confortável e dizia que não era um “perfil” para participar. A entrevista durou cerca de 21 minutos.

2.3. A Satisfação de Vida no Trabalho e sua Relação com a Velhice

Para elucidar uma análise das entrevistas realizadas com os velhos, relacionaremos as suas falas com os aspectos de suas trajetórias de vida que se arrolam com o trabalho e com a qualidade de vida na velhice. Levaremos em conta alguns estudos anteriores que relacionam o trabalho do homem a sua própria vida, ou seja, como o trabalho se torna uma satisfação na vida do homem e vice-versa. É evidente a necessidade do homem de se realizar através do trabalho, seja de forma social e fisiológica, seja de forma material através dos meios de subsistência, devendo, então, ser considerado os aspectos objetivos e subjetivos do homem para a realização e compreensão da satisfação.

No processo mais profundo de emancipação do gênero humano, há uma ação conjunta e imprescindível entre os homens e as mulheres que trabalham. Essa ação tem no capital e em seu sistema de metabolismo social a fonte de subordinação e estranhamento. Uma vida cheia de sentido, capaz de possibilitar o afloramento de uma subjetividade autêntica, é uma luta contra esse sistema de metabolismo social, é ação de classe do trabalho contra o capital. A mesma vida desprovida de sentido no trabalho, oferece as condições para o afloramento de uma subjetividade autêntica e capaz de construir uma vida dotada de sentido. (ANTUNES, 1999, p. 110).

Apesar de haver várias teorias que permeiam essa satisfação no trabalho e na vida, destaca-se a importância do alcance dessa satisfação intrínseco à qualidade de vida no trabalho²⁴ pelo bem-estar físico e mental dos sujeitos.

Os mediadores da relação entre satisfação na esfera profissional e em esferas mais gerais da vida são uma questão crucial, já que parecem influenciar tanto os aspectos de força quanto de causalidade da relação. Isso pode ser ilustrado pelo mediador *sexo* atuando sobre a correlação entre satisfação na vida e no trabalho e pelos mediadores *idade* e *tipo de atividade*, possivelmente atuando na determinação da causalidade dessa relação (COURY, 2016, p. 141).

A partir da compreensão do que influencia o comportamento humano, e assim o lugar que os indivíduos ocupam na sociedade como homens e mulheres que tinham

²⁴ [...] consideram como componentes dessa qualidade de fatores tais como: salário, benefícios, esquemas alternativos de trabalho, democracia no ambiente de trabalho, participação em decisões, divisão de lucros e programas para tornar as condições de trabalho saudáveis e confortáveis (COURY, 2016, p. 152).

seus papéis já estabelecidos como algo construído culturalmente, o caráter de construção social da diferença de sexo é o papel exercido pelo feminino e masculino. Com as formas de tratamento que os sujeitos recebem desde que nascem sobre seu papel na sociedade e dentro desta sociedade, a mulher ocupa um lugar de subordinação em relação ao homem.

Portanto, o modo em que é estabelecido a relação entre homens e mulheres e o fato de serem subordinadas e dominadas, fizeram com que fossem excluídas da história, da política e da reflexão teórica, ou seja, o sexo como mediador dessa relação se refere ao lugar da mulher²⁵ na realização de atividades domésticas ou ao ser chamada para trabalhar nas grandes indústrias realizando atividades que exigiam a experiência que tinham através do trabalho de casa, como por exemplo os empregos em indústrias de tecelagem e costura. As mulheres, por serem consideradas “frágeis” se encontram em posições inferiores ao homem, mesmo quando são submetidas a realizar as mesmas atividades braçais e a mesma condição de exploração de sua venda da força de trabalho

É evidente que a ampliação do trabalho feminino no mundo produtivo das últimas décadas é parte do processo de emancipação parcial das mulheres, tanto em relação à sociedade de classes quanto às inúmeras formas de opressão masculina, que se fundamentam na tradicional divisão social e sexual do trabalho. Mas – e isso tem sido central – o capital incorpora o trabalho feminino de modo desigual e diferenciado em sua divisão social e sexual do trabalho. [...]. Os salários, os direitos, as condições de trabalho, em suma, a precarização das condições de trabalho tem sido ainda mais intensificada quando, nos estudos sobre o mundo fabril, o olhar apreende também a dimensão de gênero²⁶ (ANTUNES, 1999, p. 109).

O fator idade está relacionado ao alcance do homem pela correlação de satisfação no trabalho e na vida a partir do tempo de serviço. Segundo Kimmel (1980) há a existência de um “relógio ocupacional” no homem que pode definir se o sujeito está satisfeito com o que alcançou em sua vida profissional e se isso refletiu em sua vida pessoal.

²⁵ Na divisão sexual do trabalho, operada pelo capital dentro do espaço fabril, geralmente as atividades de concepção ou aquelas baseadas em capital intensivo são preenchidos pelo trabalho masculino, enquanto aquelas dotadas de menor qualificação, mais elementares e muitas vezes fundadas em trabalho intensivo, são destinadas às mulheres trabalhadoras (e, muito frequentemente aos trabalhadores/as imigrantes e negros/as) (ANTUNES, 1999, p. 105-106)

²⁶ A dimensão de gênero está relacionada a Questão Social no que concerne as desigualdades as quais estão submetidas, aliadas a opressão e discriminação sofrida pelas mulheres.

Esse “relógio ocupacional” determinaria um sentimento subjetivo de estar “em dia” ou “atrasado” na carreira ocupacional. Durante a meia-idade (40 a 55 anos) muitas pessoas começam a prestar atenção ao tempo e a preocupar-se com o balanço entre o que foi pretendido e o que foi obtido até a ocasião, tendo como referência temporal a aposentadoria que se aproxima (COURY, H. 2016, p. 143-144).

Assim, a satisfação na vida, apesar de estar relacionada com a satisfação no trabalho, também está relacionada a questões sociais e culturais.

Dizer que uma vida cheia de sentido encontra na esfera do trabalho seu primeiro momento de realização é totalmente diferente de dizer que uma vida cheia de sentido se resume exclusivamente ao trabalho, o que seria um completo absurdo. Na busca de uma vida cheia de sentido, a arte, a poesia, a pintura, a literatura, a música, o momento de criação, o tempo de liberdade, tem um significado muito especial. Se o trabalho se torna autodeterminado, autônomo e livre, e por isso dotado de sentido, será também (e decisivamente) por meio da arte, da poesia, da pintura, da literatura, da música, do uso autônomo do tempo livre e da liberdade que o ser social poderá se humanizar e se emancipar em seu sentido mais profundo (ANTUNES, 1999, p. 143).

De acordo com as falas de alguns dos entrevistados, o trabalho lhes deu a oportunidade de adquirir uma certa autonomia e liberdade, de forma que pudessem ter seu próprio dinheiro e pudessem sair da casa de seus pais e ir em busca de seus próprios ideais e objetivos.

Meu primeiro contato foi bem jovem, com 12 ou 13 anos, porque eu era louca pra ter meu dinheiro, aí eu dava um reforço escolar para os primos que estavam fracos na escola. Aí comecei a dar aulas de reforço para as filhas das amigas da minha mãe que também estudavam nos Jesuítas (Fragmento da entrevista – Maria José).

Contudo, a relação com o trabalho também pode ser permeada pela necessidade dos pais que precisavam de ajuda, tanto com a criação dos irmãos e dos afazeres de casa, quanto com a ajuda financeira para subsidiar as despesas da casa.

Ihh meu Deus do céu... eu viajava muito de segunda a segunda, comecei a trabalhar cedo com 13, 14 anos. Entregava almoço, naquela época não tinha disso não, lá em casa todo mundo... fomos pobres né, graças a deus! E depois em 1969 tirei carteira de motorista, aí comecei a trabalhar no táxi em Juiz de Fora, com 18 anos. Trabalhava pra uma empresa de táxi, meu patrão tinha 38 táxi, hoje em dia não pode mais né... trabalhei registrado (Fragmento da entrevista – Mauro).

Comecei a trabalhar com 6 anos, depois que minha mãe morreu eu fui para uma fazenda. Lá tinha que dar conta do recado, não era sua casa né. Eu fazia de tudo, carregar água, buscar lenha pra acender fogueira, dar alimento para os animais no mato, cortar cana e tudo. Era difícil? Era, mas se eu não fizesse eu apanhava do meu patrão. Eu fiquei lá até 15 anos nessas mesmas condições (Fragmento da entrevista – Josefa).

Dona Josefa, além de iniciar o trabalho com 6 anos de idade, vivia em precárias condições de trabalho e de subsistência, pois o dinheiro que deveria receber fruto de seu trabalho, ficava nas mãos do patrão e essa situação perpetuou-se durante anos.

Ai na casa que eles [patrão e empregados] me empregaram, continuaram pegando meu dinheiro. Ai teve um dia que minha patroa virou e falou assim: 'não, você é que trabalha, você que tem que ter seu dinheiro'. Ai falou com eles, 'se vocês vierem buscar o dinheiro dela de novo eu vou chamar a polícia pra vocês' (Fragmento da entrevista – Josefa).

Apesar das circunstâncias precárias em que viviam no trabalho e da necessidade de subsistência ao serem questionados sobre as memórias marcantes que teriam em relação a esse, os relatos são, em sua maioria, positivos. O saudosismo que cerca as lembranças da vida trabalhando é marcada por grandes acontecimentos como o casamento, e de fases felizes na vida que na velhice dizem sentir falta.

(risos) É... bem marcante, porque pra começar ele trabalhava na tecelagem eu era fiadeira, aí ele passava e dava uma olhada aí eu piscava o olho e aí surgiu o casamento, e graças a deus! Casei em 85 e sou muito bem abençoada. Se não fosse esse trabalho eu não teria conhecido ele... (Fragmento da entrevista – Regina).

As memórias marcantes com o trabalho também estão inseridas nas relações sociais, tanto com outros funcionários, quanto com o empregador.

Ah teve muitas, antes de eu trabalhar em prédio eu trabalhava em casa de família. Teve muitos momentos marcantes, situações, assim, tipo seu prato tá lá no terreiro, na prateleira, eu era discriminada até que um dia eu peguei um prato de casa e uma xícara de casa, aí ela perguntou 'por que você fez isso?', e eu respondi 'uai a senhora gosta das coisas separadinhas, assim como eu', aí ela despistou falando que os pratos dela eram a conta certa e que não dava e que o restante era pra visita. Isso me marcou bastante. O restante foram coisas boas (Fragmento da entrevista – Aparecida).

Me dava bem com todo mundo... tinha muita amizade lá dentro [...] (Fragmento da entrevista – Mauro).

As relações sociais criadas no ambiente do trabalho são marcantes por serem associadas ao lugar de importância que o trabalho ocupa na vida do velho. É o trabalho que garante o sustento da família, é o trabalho que possibilita a criação de vínculos familiares e é o trabalho que viabiliza a qualidade de vida dos entrevistados durante toda a sua trajetória de vida²⁷, mas, principalmente, durante o envelhecimento. Contudo, essa perspectiva impõe a lógica de que o trabalhador é uma pessoa dócil e é um “bom trabalhador” e por isso tem valor na sociedade.

Segundo estudos realizados pelo grupo Kansas City Studies of Adult Life (1994), há quatro condições que permeiam um bom envelhecimento: a atividade, a capacidade de afastamento, a satisfação com a vida e maturidade ou integração da personalidade. Porém, daremos enfoque na relação existente entre atividade e satisfação com a vida como dimensões predominantes no bem-estar na velhice, tais como:

- 1- A saúde biológica é um dos mais poderosos preditores do bem-estar na velhice.
- 2- A saúde percebida e as maneiras como as pessoas lidam com problemas de saúde são ainda mais preditivas do que as condições objetivas de saúde, avaliadas segundo parâmetros médicos.
- 3- A satisfação com a família é uma importante condição do bem-estar na velhice.
- 4- Há efeitos da interação entre status social, variáveis de personalidade, interações dentro da família, atividades desempenhadas fora da família e satisfação na vida.
- 5- A situação econômica e psicológica oferece suporte material para o bem-estar subjetivo. Este por sua vez influencia os modos de lidar com os diferentes graus de qualidade da habitação, com a vizinhança, com a independência econômica e com as expectativas relativas à estabilidade financeira.
- 6- A capacidade de iniciar e manter contatos sociais, mediada por fatores motivacionais e cognitivos, influencia a percepção sobre a qualidade da vida diária. A uniformidade e a variação na vida diária podem ser percebidas como prazerosas ou desagradáveis por diferentes pessoas, ou até mesmo pela pessoa, em diferentes momentos de sua vida. De qualquer forma, este é um importante preditor de satisfação na velhice.
- 7- A avaliação que o idoso faz de sua situação atual é outro mediador importante de sua satisfação na vida. O senso de bem-estar pode variar em função do número de eventos importantes e de pressões percebidos durante o ano anterior; do ponto de vista individual sobre a redução de oportunidades e

²⁷ “Em qualquer idade, da infância à velhice avançada, estão sujeitos à influência de fatores normativos ontogenéticos, saúde, sexo, educação, nível social, renda e etnia, que contextualizam o curso das experiências individuais”. (NERI, 2016, p.46)

contatos sociais; da forma como o idoso lida com a morte; da extensão de sua perspectiva de tempo futuro; de como valoriza seu passado e de como faz uso de suas possibilidades atuais (RUDINGER e THOMAE, 1990).

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2013), a qualidade de vida é definida como:

a percepção do indivíduo de sua inserção na vida, no contexto da cultura e sistemas de valores nos quais ele vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações. Envolve o bem estar espiritual, físico, mental, psicológico e emocional, além de relacionamentos sociais, como família e amigos e, também, saúde, educação, habitação, saneamento básico e outras circunstâncias da vida (USP, 2013).

Dessa forma, para os idosos entrevistados o significado de qualidade de vida está ligado à questão financeira e ao fator biológico, a saúde física e mental, não levando em conta os outros aspectos citados pela OMS em sua cartilha e nem os aspetos que possam interferir nessa “qualidade”.

Assim, em relação a nossa situação financeira, a minha qualidade de vida é boa (Fragmento da entrevista – Aparecida).

Defino como boa, só com a saúde que é estável (Fragmento da entrevista – Josefa).

Acho ótima! Sou lúcida, tenho saúde física, mental, espiritual e cada dia eu aprendi a viver só por hoje, porque eu sou muito ansiosa [...] (Fragmento da entrevista – Maria José).

A identificação dos fatores que interferem no processo de envelhecimento torna-se crucial para que se possa ter um bem-estar na velhice, seja através da continuidade em suas atividades, seja nas relações sociais.

Tudo que afeta o nível de qualidade de vida pode ser considerado fator de interferência. No caso do idoso, a diminuição da condição funcional; a queda do nível de renda com a aposentadoria; a falta de suporte familiar; o sentimento de inutilidade; a falta de oportunidades; os preconceitos relativos à sexualidade; o desconhecimento do processo de envelhecimento e consequente medo da morte; a perda de entes queridos e, com ela, a perda de referência com o mundo do “seu tempo”; o isolamento; um estilo de vida inadequado; a perda do status profissional e social; a diminuição das opções de lazer; a perda da capacidade de competir em igualdade de condições com os mais jovens; o avanço tecnológico que gera barreiras culturais e técnicas; a dificuldade de acesso a novas informações e a falta de recursos para atender

às suas necessidades, além de um ambiente físico-arquitetônico incompatível afetam seu bem-estar. Portanto, estes fatores, se bem administrados e conduzidos, não somente quando se chega à velhice, mas durante toda a vida, produzem um nível constantemente alto de qualidade de vida que certamente continuará na idade avançada (NASCIMENTO, et al apud PAZ, 2000, p. 127).

Para elucidar melhor, ao chegar na velhice o homem precisa se reconhecer como um ser social que envelheceu e que precisa estar em acordo com as transformações sociais vigentes²⁸, com as novas condições de vida, de aprendizado e de relações sociais entre os homens.

A promoção da boa qualidade de vida na idade madura excede entretanto os limites da responsabilidade pessoal e deve ser vista como um empreendimento de caráter sociocultural. Ou seja, uma velhice satisfatória não é um atributo do indivíduo biológico, psicológico ou social, mas resulta da qualidade da interação entre pessoas em mudança, vivendo numa sociedade em mudanças. (FEATHERMAN, SMITH e PETERSON, 1990 apud NERI, 2016, p. 9).

Além, da importância da saúde como determinante para uma boa qualidade de vida, outros elementos também são considerados, como satisfação: a renda, produtividade, o status social, a atividade e as relações familiares e informais. A atividade, torna-se um fator de satisfação na vida do homem, pois, segundo alguns estudos, quanto mais atividade o homem realizar, mais satisfeito ele estará. Isso inclui, também, o trabalho como uma atividade.

Até meados dos anos 70, acreditava-se na existência de uma relação causal entre atividade e satisfação na velhice, ambas dependentes de condições objetivas, de natureza socioestrutural, tais como posições socioeconômicas, natureza das interações com a estrutura social e densidade etária da área em que reside o idoso (NERI, 2016, p.16).

No que se refere ao gênero feminino no trabalho, a renda, o status social e a produtividade estão interligadas a qualidade de vida no trabalho. A mulher que trabalha nos serviços domésticos para o marido não se reconhece enquanto trabalhadora que também produz e exerce uma atividade, e isso fica claro no relato de Dona Helenice que mostra a subserviência da mulher para com o marido, que retém toda a riqueza produzida pela esposa no trabalho e assim desqualifica a

²⁸ Essas transformações sociais abrangem todo o curso de vida dos sujeitos e não somente na velhice.

atividade exercida pela mulher, que por trabalhar com o marido não considera sua labuta como um trabalho propriamente dito, por não identificar na atividade exercida a liberdade inerente ao dinheiro ganho pelo trabalho.

Meu marido não deixou de jeito nenhum eu trabalhar, fui mais presa ainda. Casei fui morar na roça, trabalhei na roça com ele ajudando a plantar milho e ajudava em casa. Trabalhei muito tempo na roça, aí tive minha filha mais velha e depois o do meio. Meu marido mandava eu deixar meus filhos com a mãe dele e me levava pra roça, querendo ir ou não. Às vezes eu estava menstruada e com cólica e eu era forçada a ir, ele falava que é saúde da mulher mesmo. Nunca me deu nada. Se eu te contar que agora depois que ele faleceu é que eu fui conhecer dinheiro vocês não acreditam (Fragmento da entrevista – Helenice).

Segundo Hirata (1993) citada em Antunes (1999),

quando se tematiza acerca do trabalho não-assalariado, e mais particularmente sobre a divisão sexual do trabalho, deve-se incorporar também o trabalho não-remunerado, extra-assalariado, de que é exemplo o trabalho doméstico realizado pelas mulheres que, mesmo trabalhando como assalariadas o fazem também no espaço doméstico, como não-assalariadas. Em suas palavras: “Considerar o trabalho doméstico e assalariado, remunerado e não remunerado, formal e informal, como sendo modalidades de trabalho, implica um alargamento do conceito de trabalho e a afirmação da sua centralidade. Se o emprego assalariado retrai-se, a atividade real do trabalho continua a ter um lugar estratégico nas sociedades contemporâneas” (HIRATA, apud ANTUNES, 1999, p. 109).

No que diz respeito à renda, é possível afirmar que, atualmente, a desigualdade social e financeira entre os idosos brasileiros força uma reentrada no mercado de trabalho formal e informal. A renda mínima dos idosos que pertencem a classe trabalhadora e pobre é equivalente a um salário mínimo para subsidiar as suas próprias necessidades e na maioria das vezes às de sua família.

Financeiro é bem puxado, por isso continuo trabalhando porque com salário mínimo não dá pra manter ainda mais quem cuida de neto que estuda né, minha vida é balanceada. Saúde agora tá vindo uns problemas, ano passado fiquei internada porque tive problema de trombose na perna, fiquei 15 dias internada no HU. Aí depois retornei ao meu trabalho, igual falei com a minha chefe lá na Santa Casa, eu sou copeira hospitalar, e eu não sou a mesma Regina que entrou lá com 28 anos, eu não dou a mesma produção que eu dava nova, eu dou produção mas não a mesma (Fragmento da entrevista – Regina).

O trabalhador que envelhece sente além do envelhecimento biológico de seu corpo físico, a perda de valor para o capital ao não conseguir alcançar a produção exigida pelo patrão, que como no caso de Regina é cobrada a produzir como produzia com 28 anos. O conhecimento e experiência adquiridos durante a vida de trabalho no serviço pouco são valorizados pela empresa, e os anos de trabalho prestados, aqui citados pela entrevistada como “uma vida”, não são aceitos, visto a necessidade de superexploração do capital.

Aaa, muita pressão e a gente assim não tem valor, quem tem tempo de serviço não tem valor. É muita cobrança e acha que a gente não tem gabarito, possibilidade de arcar com a responsabilidade. Igual, eu trabalho no décimo andar já trabalhei em todos os setores ali, conheço cada pedacinho daquele lugar, aí ensina as colegas que tá chegando mas nem sempre as novinhas querem aprender o que a gente aprendeu quando começou. Aí igual eu que tenho muito tempo de trabalho lá, ficam me chamando de patrimônio, falam que não sabem o que essas velhas estão fazendo ali. É muita crítica e me sinto meio discriminada porque a gente fica ofendida, a gente dedica a vida inteira, deixa sua casa seus filhos, meus filhos foram criados na creche (Fragmento da entrevista – Regina).

Como relatado por Regina, a sua situação financeira desfavorável a forçou voltar para o mercado de trabalho mesmo depois da aposentadoria e o mesmo aconteceu com o seu marido. Os dois continuam trabalhando para poder melhorar as condições de qualidade de vida da sua família através do provimento de uma boa educação para sua neta e sustento de sua filha, que desempregada depende dos pais para sobreviver. Essa realidade atinge milhares de brasileiros hoje e, infelizmente, a situação dos aposentados no Brasil está ameaçada pela Reforma da Previdência²⁹ que ao ser aprovada pelo Estado irá aumentar o tempo de contribuição e a idade para se aposentar, gerando um agravamento na saúde e na qualidade de vida dos sujeitos que envelhecem.

Se antes os filhos eram inseridos cedo no mercado para ajudar na renda familiar e “cuidar” de pais dependentes, necessitados, a nova realidade do mercado, com um número crescente de desempregados jovens, trazem uma realidade de pais velhos trabalhando mesmo após a aposentadoria – portanto não usufruindo do direito ao não trabalho – e filhos que não conseguem inserir-se no mercado formal de

²⁹ Essa Reforma vem sendo promulgada desde o Governo Temer (2016-2018) e está em votação desde o início do mandato do novo presidente Jair Messias Bolsonaro (2019-2021).

trabalho. Na casa de sua família, Regina e o marido, aposentados, ainda trabalham para complementar a renda que sustenta a casa, enquanto a filha adulta, desempregada, não consegue reinserção no mercado de trabalho e assim depende dos pais idosos para prover seu sustento e de sua filha adolescente.

Essa permanência dos filhos adultos na casa dos pais idosos é reflexo da realidade política e econômica da sociabilidade capitalista brasileira, com altos níveis de desemprego e precarização do sistema educacional fica evidente a dificuldade do jovem adulto em se inserir no mercado de trabalho e ou se especializar para ter acesso a melhores empregos, e assim tem que permanecer ou voltar a coabitar a casa dos pais.

Devido aos altos índices de desemprego, nascimento de filhos fora do casamento, divórcios, etc., os filhos têm permanecido ou retornado para a casa dos pais, mantendo-se assim o idoso ou a idosa como chefe de família e com novos encargos que até duas décadas atrás não eram tão expressivos (COUTRIM, 2006, p.368).

E ainda:

Se, por um lado, os idosos encontram motivação para viver e continuar em atividade, pois sabem que alguém depende deles, a família, por seu turno, encontra no idoso o apoio para os momentos de crise, que podem durar anos. As filhas solteiras e as que tiveram filhos fora do casamento encontram na casa paterna e/ou materna o apoio necessário para a criação das crianças, assim como os filhos e filhas separados ou que assumiram uma nova união e deixaram os filhos do primeiro casamento com os avós (COUTRIM, 2006, p. 386).

Assim, a permanência dos idosos no mercado de trabalho é além de necessidade do próprio sujeito, a garantia do sustento dos filhos e netos que por algum motivo coabitam e necessitam de ajuda para sobreviver. Contudo, a inserção no mercado de trabalho hoje é permeada por tecnologias e pelos meios de comunicação que prejudicam os idosos a conseguir uma vaga de emprego, seja formal ou informal, visto a necessidade do trabalhador estar sempre se especializando.

Pra falar a verdade eu me aposentei só pelo INSS, mas continuo correndo atrás, eu me esforço. O que me atrapalhou foi o computador, hoje existem muitos programas diferentes. Eu mexi com comércio também depois de formado e isso me enrolou bastante. Você tem que tá sempre atualizando e acompanhando o mercado de trabalho (Fragmento da entrevista – Ricardo).

Portanto, como observa Coutin (2006),

O idoso trabalhador das ruas reconhece-se excluído duplamente do mercado formal de trabalho: devido à idade, já está aposentado em muitos casos (portanto, a aposentadoria também funcionando como elemento de exclusão) e por não ter qualificação para o atual mercado de trabalho (COUTRIM, 2006, p. 370).

Desse modo, além da dificuldade de inserção sentida e/ou sofrida pelo próprio idoso, no mercado de trabalho, há, também, a dificuldade de aceitação e de contratação de empregadores e de colegas de trabalho em compreender essas dificuldades que podem ser agravadas pela própria velhice.

Como o conhecimento não é um produto interno e individual, mas cultural, deve-se considerar as possibilidades de a tecnologia, os meios de comunicação de massa e a escola poderem facilitar ou promover o enriquecimento e a compreensão de capacidades cognitivas e motivacionais de pessoas mais velhas (NERI, 2016, p. 43).

Assim sendo, a qualidade de vida dos velhos estará prejudicada pelas novas expressões da Questão Social, fazendo nos questionar o novo papel do Estado frente às novas demandas e a proteção social dos idosos e trabalhadores, visto que a satisfação no trabalho e na qualidade de vida está diretamente relacionada com as questões financeiras e biológicas. Portanto, a partir da análise realizada no Capítulo II, podemos identificar entre os velhos e velhas entrevistados alguns pontos determinantes de como a qualidade de vida é mensurada por cada um:

- A qualidade de vida está diretamente relacionada à saúde e condição financeira, sendo esses dois fatores determinantes para a satisfação de vida dos entrevistados;
- O trabalho, mesmo que, por muitas vezes, seja oneroso para o processo de envelhecimento, é encarado como uma honra para o trabalhador que envelheceu, que mesmo sendo explorado e desrespeitado no ambiente de trabalho se sente privilegiado por estar trabalhando;
- A atividade doméstica e não remunerada é dificilmente entendida como trabalho, o trabalho para os entrevistados é aquele que o identifica como

trabalhador perante a sociedade, que recebe salário e tem suas responsabilidades empregatícias;

- O trabalho é libertador, ganhar o salário é libertador para o trabalhador, abre um leque de possibilidades e permite a sobrevivência;

Dada essa análise, o processo de envelhecimento apresenta um caráter homogêneo nas falas dos idosos devido que, em seus diferentes relatos, observamos que os fatores saúde e financeiro são os medidores de qualidade de vida dos velhos. Contudo, segundo Neri (2016, p.39), “existem várias realidades de velhice referenciadas a diferentes condições de qualidade de vida individual e social”. Apesar de cada trajetória de vida ser diferenciada pela classe social e pela inserção na sociedade capitalista, não há grande diferenciação dos velhos entrevistados que consideram como qualidade de vida e sim do que é vivenciado por eles.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve o intuito de indagar como a realidade socioeconômica, cultural e espacial em que estão inseridos os homens e mulheres velhos participantes das atividades desenvolvidas pelo Programa de Extensão “Polo Interdisciplinar de Ensino, Pesquisa e Extensão sobre o processo de envelhecimento” da Faculdade de Serviço Social no município de Juiz de Fora – MG, determinam e são determinantes no processo de envelhecimento e qualidade de vida desses velhos.

A realidade socioeconômica desses velhos é instituída pelo lugar que eles ocupam na sociedade a partir de suas condições de classe social. De um lado, os idosos entrevistados que possuem condições melhores de renda se reconhecem enquanto sujeitos que usufruem de melhores condições de vida e portanto, de uma boa qualidade de vida, podendo se encaixar na denominada “melhor idade”. E de outro lado, há os idosos que residem em bairro periférico do município de Juiz de Fora, e necessitam se manter no mercado de trabalho para melhorar as suas condições de vida e de subsistência de suas famílias.

O trabalho, enquanto categoria fundante do ser social, dada a sua capacidade teleológica de transformação da natureza e a de construção das relações sociais com outros seres sociais, faz parte da trajetória de vida de todos os sujeitos inseridos na sociabilidade capitalista, desde a infância, como é o caso de alguns dos idosos entrevistados, até atingir a velhice. Contudo, muitas vezes há a necessidade imposta de continuar inserido no mercado de trabalho mesmo ao alcançar a velhice, seja pela dificuldade de sobreviver com baixas aposentadorias, ou por ser o responsável pelo sustento de filhos e netos que são seus dependentes. Essa realidade, faz com que os sujeitos vivam em condições precárias de reprodução, e não consigam vivenciar o “tempo livre” que deveria ser alcançado na velhice, após anos de trabalho para sobreviver na sociedade capitalista.

Assim, a partir dos relatos dos velhos e velhas trabalhadores contidos nesse estudo, foi possível relacionar como o trabalho e as expressões da Questão Social, ou melhor, determinam a trajetória de vida de cada velho ao possibilitar a identificação de duas realidades sociais diferentes de vivenciar tanto o processo de envelhecimento quanto a velhice. Por ocuparem um lugar privilegiado na sociabilidade capitalista, alguns dos velhos entrevistados conseguem vivenciar a leveza da “terceira idade”

construída pelo mercado capitalista (aumento da mercantilização da velhice - velho consumidor), relacionando, assim, sua qualidade de vida a fatores como a questão financeira e o acesso a bens e serviços que essa pode propiciar, inclusive, poder de consumo. E há outros idosos que vivem em condições precárias de subsistências e necessitam de reinserção no mercado de trabalho, além da constituição de políticas públicas que viabilizem melhores formas de reprodução, para quem a qualidade de vida também está relacionada à questão financeira, no entanto, justamente pela dificuldade de sobreviverem com uma renda mínima e, portanto, não terem acesso a bens e serviço privados ou públicos (ausência de políticas públicas) não se aproximam da “leveza da terceira idade”.

Dessa forma, a identificação dos medidores individuais e pessoais de qualidade de vida, apesar das distintas formas em que se apresentam são repetidas entre os entrevistados. Assim, os velhos identificaram que a qualidade de vida é permeada pelas questões financeiras e também pelas biológicas, já que ter um envelhecimento ativo e saudável vai ser determinante para os velhos que tem o privilégio de curtir o “tempo livre” na velhice e para os velhos que necessitam continuar trabalhando para sustentar suas famílias.

Concluindo, como o processo de envelhecimento é natural e inerente ao ser humano, e se inicia ao nascer, com as novas perspectivas da Reforma da Previdência e o novo perfil do trabalhador brasileiro e dos aposentados será muito mais comum a inserção dos idosos no mercado de trabalho, pois não conseguirão se aposentar para viver a “fruição de tempo livre” (DELGADO, 2019, p. 21). Além disso, com a instauração da Reforma da Previdência e as perspectivas de um governo neoliberal, as políticas públicas voltadas para os idosos sofrerão retrocessos no que concerne a garantia de seus direitos à saúde, educação, habitação, alimentação, saneamento básico e outros, prejudicando a qualidade de vida desses velhos

Assim, há a necessidade de mudanças nas relações de trabalho para que possa elevar a liberdade dos sujeitos e seu “tempo livre”, de forma que a intervenção estatal sob o tripé da Seguridade Social seja garantida aos velhos trabalhadores, através do acesso a bens e serviços públicos e privados (DELGADO, 2019), proporcionando uma vida de qualidade. Além disso, o conhecimento sobre o processo de envelhecimento será compreendido como um todo, ao considerar toda a sua trajetória de vida nas perspectivas das políticas públicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNES, R. **A dialética do trabalho**. São Paulo: Expressão Popular, 2013.
- _____. **O Sentido do Trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. São Paulo: Boitempo Editorial, 1999.
- BIHR, A. **Da grande noite à alternativa: o movimento operário europeu em crise** – 2. Ed. – São Paulo: Boitempo Editorial, 1991.
- BRASIL, **Constituição Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF, mar 2017.
- BARROCO, M. L. S. **Ética: fundamento sócio-históricos**. São Paulo: Cortez Editora, 2008.
- COSTA, P. A; COSTA, L. J. A; CAVALCANTI, P. B. **A velhice como expressão da questão social no Brasil**. 2017.
- COUTINHO, C. **Gramsci e a sociedade civil**. Sítio Gramsci e o Brasil. Disponível em: Acesso em: 17 jan. 2006.
- COUTO, Berenice Rojas. **O Direito Social e a Assistência Social na sociedade brasileira: uma equação possível?** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- COUTRIM, Rosa Maria da Exaltação. **Idosos Trabalhadores: perdas e ganhos nas relações intergeracionais**. Sociedade e Estado, Brasília, v. 21, n. 2, p. 367-390, maio/ago. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/se/v21n2/a04v21n2>. Acesso em: 5/11/2019.
- CUNHA, E. S. **“Velhices”: múltiplas faces de um processo socialmente construído**. 2008. p. 239. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2008.
- DELGADO, Ignácio Godinho. **Intransigência, Falácia e Ilusão: a reação conservadora contra a previdência e a seguridade social no Brasil**. Juiz de Fora, 2019. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/noticias/wp-content/uploads/sites/2/2019/05/artigo-sobre-previdencia-ignacio-godinhodelgado.pdf>. Acesso em: 05/11/2019
- DOMINGUES, J. M. **Sociologia e Modernidade: Para entender a sociedade contemporânea**. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- DURIGUETTO, M. L; MONTAÑO, C. **Estado, Classe e Movimento Social** - 3. Ed. – São Paulo: Cortez, 2011.
- FRANCESCONI, C. S. N. **Envelhecer e Ser Velho na ordem do Capital: quando a velhice se transforma em mercadoria**. 2017. p. 86. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2017.
- GRAMSCI, Antônio. **Cadernos do cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. v. 3.
- IAMAMOTO, Marida V. **O Serviço Social na Contemporaneidade: trabalho e formação profissional** – 13. Ed. – São Paulo, Cortez, 2007.
- _____. **A questão social no capitalismo**. In Temporalis. Brasília: ABEPSS, Grafiline, 2001.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br>. Acesso em: 18/06/2019.

LUKÁCS, G. **As Bases Ontológicas do Pensamento e da Atividade do Homem**. 1968.

MARX, K. **O Capital**. São Paulo: Editora Ciências Humanas LTDA, 1978.

MOREIRA, M. Q. **“Terceira Idade”: estratégia capitalista à velhice? Uma análise do processo de envelhecimento na Vila Sô Nenê**. 2006. p. 61. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2006.

NERI, A. L. **Qualidade de Vida e Idade Madura**. São Paulo: Papyrus Editora, 2016.

_____. **Paradigmas contemporâneos sobre o desenvolvimento humano em psicologia e em sociologia**. In _____ (org) **Desenvolvimento e envelhecimento: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas**. Campinas, São Paulo, Papyrus, 2001.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Relatório Mundial de Envelhecimento e Saúde**. São Paulo: OMS; 2015. Disponível em: <https://sbgg.org.br/wp-content/uploads/2015/10/OMS-ENVELHECIMENTO-2015-port.pdf>. Acesso em: 20 de jun de 2019.

ORTIZ, F. G. **O serviço social no Brasil: os fundamentos de sua imagem e da autoimagem de seus agentes**. Rio de Janeiro: E-papers, 2010.

PAZ, Serafim Fortes (org.). **Envelhecer com cidadania: quem sabe um dia?** Rio de Janeiro: CBCISS; ANG/Seção Rio de Janeiro, 2000.

REBRATES. **Rede Brasileira do Terceiro Setor**. Disponível em <<http://www.terceirosetor.org.br>>. Acesso em: 17/06/2019.

SANTOS, J. S. **“Questão Social”: particularidades no Brasil**. São Paulo: Cortez Editora, 2012.

SESC. **Sonoros Ofícios: cantos de trabalho**. Rio de Janeiro: Departamento Nacional, 2015.

SZYMANSKI, H. **Viver em Família como experiência de cuidado mutuo: Desafios de um mundo em mudanças**. Revista serviço social e sociedade, nº71. São Paulo. Cortez, Setembro, 2002. P 09.

TEIXEIRA, S. M. **Envelhecimento e Trabalho no tempo do Capital: implicações para a proteção social no Brasil**. São Paulo: Cortez Editora, 2008.

_____. **Envelhecimento na sociabilidade do capital**. Campinas: Papel Social, 2017.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Escola de Artes, Ciências e Humanidades. **Qualidade de Vida**. Secretária de Saúde do Distrito Federal. 5 passos para uma melhor qualidade de vida: uma meta ao seu alcance. 2013.

ANEXO I

QUESTIONÁRIO

1. Nome:

2. Idade:

3. Data de nascimento:

4. Endereço:

5. Estado Civil:

() Casado/a () Solteiro/a () Viúvo/a () União estável

6. Vínculo empregatício:

7. Renda:

8. Condições de moradia:

() Alugada () Própria () Cedida () Ocupação () Outros: _____

9. Composição familiar:

NOME	PARENTESCO	OCUPAÇÃO	RENDA

10. Caso more sozinho (a), qual a rede social de apoio que pode contar?

11. Recebe algum benefício sócio assistencial?

12. Trajetória de vida com o trabalho (infância, juventude, velhice)

13. Transição para a velhice: de que forma sentiu essa transição? Como ela ocorreu?
14. Como você define sua qualidade de vida?
15. Memórias marcantes com o trabalho:

ANEXO II**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu, _____,
portador(a) _____ do _____ documento _____ de
identificação _____,

fui informada sobre os objetivos do estudo cujo título provisório é “O processo de envelhecimento e sua influência para a qualidade de vida dos velhos” de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Assim, autorizo as discentes de Serviço Social, Giovanna Mattos de Almeida Oliveira (matrícula 201519020) e Lúria Rezende de Oliveira (matrícula 201519010), da Universidade Federal de Juiz de Fora, realizarem entrevistas em profundidade com os idosos inseridos nesta Instituição para a construção do Trabalho de Conclusão de Curso, bem como utilizar fotografias retiradas nesta ocasião exclusivamente para fins educacionais e investigativos, após o consentimento emitido pelos próprios entrevistados. Declaro ainda que esta Instituição apresenta infraestrutura necessária à realização da referida pesquisa

Sem mais, firmo a presente em duas vias, ficando a segunda em meu poder.

Juiz de Fora, _____ de _____ de 2019.

Assinatura do Responsável

Giovanna Mattos de Almeida Oliveira

Lúria Rezende de Oliveira

ANEXO III**TERMO DE CESSÃO DE DIREITOS**

Eu, _____,
concedo a Giovanna Mattos de Almeida Oliveira e a Lúria Rezende de Oliveira o direito de utilizar a entrevista por mim concedida, bem como as fotos tiradas nesta ocasião, exclusivamente para fins educacionais e investigativos. Autorizo também, para os mesmos fins, a minha identificação pessoal através da utilização do meu nome na transcrição das minhas narrativas.

Juiz de Fora, _____ de _____ 2019.